LUIS FERNANDO

ver!ssimo

Time dos Sonhos

paixão, poesia e futebol



OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

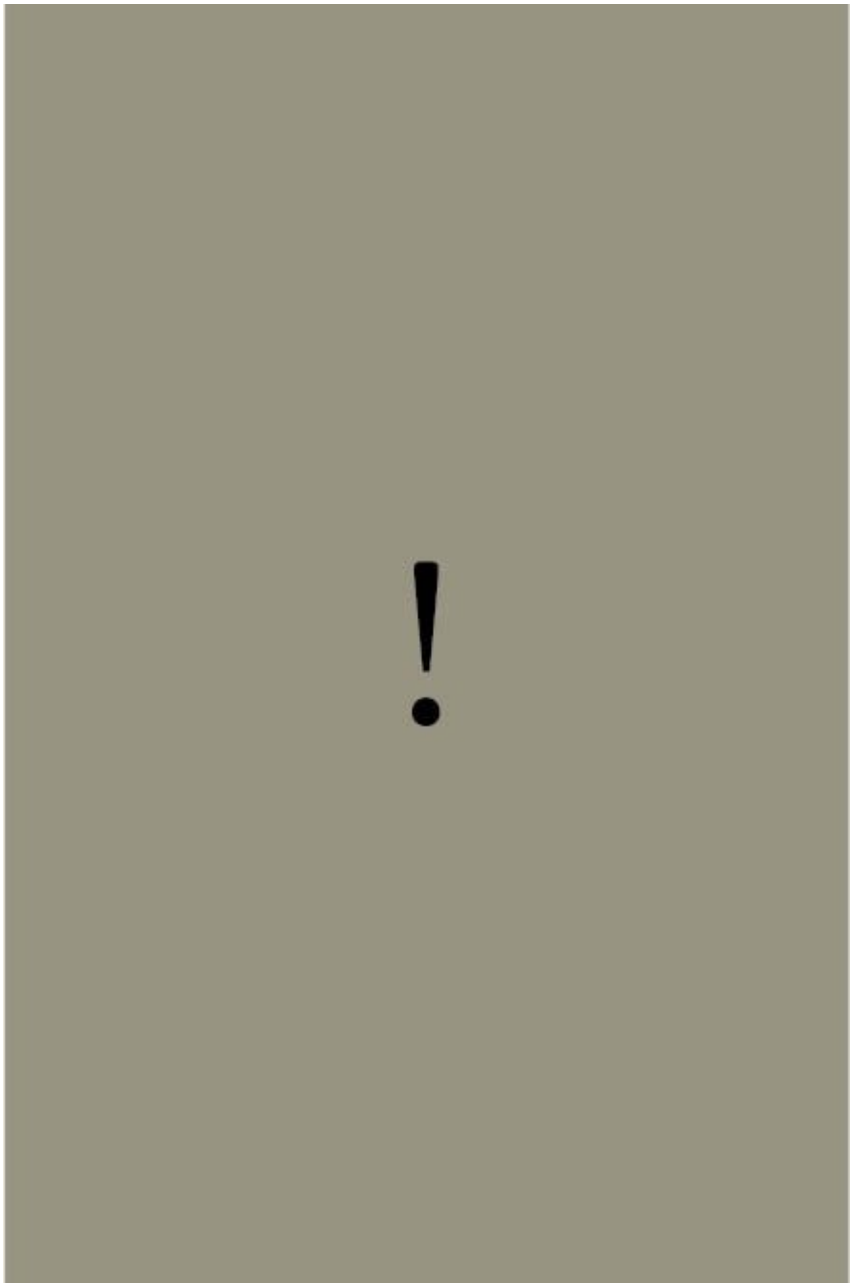
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ver!ssimo



© 2010 by Luis Fernando Verissimo

Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Objetiva Ltda.,
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825

Capa
Crama Design Estratégico

Criação e escultura
Ricardo Leite / Crama Design Estratégico

Ilustração digital
Eduardo Rocha / Crama Design Estratégico

Coordenação editorial
Isa Pessôa

Produção editorial
Maryanne Linz

Revisão
Clarisse Cintra
Rodrigo Rosa
Marina Couto

Conversão para e-book
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V619t
Verissimo, Luis Fernando
Time dos sonhos [recurso eletrônico] : paixão, poesia e futebol / Luis Fernando Verissimo. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2010.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema:
Modo de acesso:

55p. ISBN 978-85-390-0153-8 (recurso eletrônico)

1. Futebol - Crônicas. 2. Crônica brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

10-4740. CDD: 869.98
CDU: 821.134.3(81)-8

LUIS FERNANDO

ver!ssimo

Time dos Sonhos

paixão, poesia e futebol



Para que serve o futebol

Meu coração

No fim, desculpe a literatura, é tudo entre nós e o nosso coração. Depois do dito e do feito, depois da paixão e da razão, depois da vida das células e da vida social e da vida cívica e das idas e das voltas, e da História e da biografia, e do que os outros fizeram conosco e do que nós fizemos com os outros, é tudo entre nós e ele. Segundos fora. Nós e ele. A única conversa que vale, a única intimidade que conta.

O coração não tem nada a ver com nada, fora a sístole e a diástole e a sua fisiologia medíocre. Ele nem nos daria conversa, se não dependesse de nós, se não precisasse da embalagem, dos terminais e de alguém que cuide dele. Tudo que lhe atribuem, do mais romântico ao mais calhorda, é falso. Trata-se de um mero músculo, e de um músculo egoísta, que só quer saber da sua própria sobrevivência. Da qual, por uma cruel coincidência, depende a nossa.

Fala-se do "time do coração". Mentira. O coração não tem time. O coração não se interessa por futebol. Só hoje, por exemplo, o meu se deu conta de onde estava. Paris, Nantes, Marselha ou qualquer outra cidade, é tudo o mesmo para ele, desde que ele tenha um lugar seguro onde possa bater e cuidar da sua vidinha. Mas de repente ele se deu conta e pediu satisfações. Para onde eu o tinha trazido?

Expliquei. A França, a Copa, o Brasil, os jogos, a beleza dos jogos...

Meu coração não quis ouvir falar da beleza dos jogos. Ele não tem nenhum senso estético. Quis saber que história era aquela de morte súbita.

— É uma maneira nova de decidir as partidas que acabam empatadas. Há uma prorrogação e o primeiro gol quem marcar ganha.

Meu coração não quis acreditar.

— Quer dizer que, se esse time pelo qual você torce, como é mesmo o nome?

— Brasil.

— Quer dizer que se o Brasil empatar com algum outro time, tem prorrogação com morte súbita?

— É...

— Você sabia disso quando me trouxe para cá?

— Sabia.

— Você deliberadamente me trouxe a um evento em que eu posso parar de repente, mesmo não tendo nada a ver com isso? Não era para ser um campeonato de futebol, um esporte, um divertimento, enfim, nada que me dissesse respeito?

— Desculpe. Eu tentei substituí-lo pelo distanciamento crítico, mas...

— Só me diz uma coisa. Se a prorrogação terminar sem que ninguém marque gol, o que acontece?

— Aí decidem nos pênaltis.

— Me leva pra casa.

— O quê?

— Me leva pra casa imediatamente. E pare de me envolver nos seus divertimentos. Você parece que não tem coração.

— Mas nada disso vai acontecer com o Brasil. Prorrogação, pênaltis, nada disso.

— Quase aconteceu contra a Dinamarca!

— É, mas...

— Me tira daqui!

A primeira

Não sei de que material é feita a bola de futebol, hoje. Quando ganhei a minha primeira bola, ela era feita de couro. Tinha uma câmara dentro, como nos pneus. Enchia-se a câmara de ar com uma bomba de bicicleta — ou com os pulmões mesmo, naquele tempo se tinha fôlego — e ajeitava-se o mamilo da câmara dentro do couro da melhor maneira possível, antes de amarrar os cordões da bola, que tinham cadarços como as chuteiras. Minha primeira bola tinha o tamanho regulamentar, era uma número cinco autêntica. Os locutores de rádio chamavam a bola de futebol de "a número cinco", além de "o esférico", "a pelota" etc. O couro da bola tinha cor de couro, ou então era um pouco mais vermelho. A bola pintada de branco só era usada em jogos noturnos, não era a verdadeira. O couro reluzia.

Hesitava-se muito antes de dar o primeiro chute na bola nova, pois o couro começaria a ficar arranhado no primeiro toque. Era um dilema, você não conseguia resistir ao impulso de levar a bola para a calçada e começar a narrar seus próprios movimentos com ela como um locutor entusiasmado — "Domina a número cinco, atenção, vai marcar, dá de charles... goooool! Sensacionaaaaaal!" — e ao mesmo tempo queria prolongar ao máximo aquela sensação do couro novo, intocado, em suas mãos. A compulsão de sair chutando ganhava. Depois de dois dias de futebol na calçada, a bola nova estava irreconhecível. O couro ia empalidecendo como um doente. E a primeira coisa que desaparecia era o que depois mais perdurava na memória, o cheiro de novo. Nenhum prazer do mundo se igualava ao do cheiro do couro de uma bola de futebol recém-desembrulhada latejando em suas mãos. (Ainda não se tinha descoberto a revistinha de sacanagem.) Imagino que o nosso antepassado que

pela primeira vez meteu a mão no buraco de uma árvore e depois lambeu o mel nos seus dedos tenha tido uma sensação parecida, a de que a criação é difícil mas dadivosa, e há mais doçuras no mundo do que as que se têm em casa. Quase tão bom quanto o cheiro da primeira bola era correr atrás dela, mesmo que só fôssemos craques na nossa própria apreciação (“Que lance, senhoras e senhores!”, eu gritava, mesmo que só estivesse fazendo tabela com a parede.) Correr atrás da primeira bola é o que nós todos continuamos fazendo, tamanhos homens, até hoje. E continua bom.

A era dos centauros

O xadrez é um jogo violentíssimo. Parte do tempo em que parece estar pensando no seu próximo lance o jogador de xadrez se dedica a imaginar o que faria com o adversário e sua família se não precisasse se controlar. Coisas envolvendo machadinhas e óleo fervendo no ouvido. A única coisa comparável ao xadrez em violência é o polo jogado por mongóis, em que dois times a cavalo disputam a posse de um cabrito através de vastas extensões de estepes, muitas vezes arrasando cidades inteiras no caminho. O polo mongol é o xadrez sem o autocontrole.

Outro jogo violentíssimo é o tênis. Pouca gente sabe que na sua forma original o tênis consistia em dois jogadores se dando raquetaços até um morrer ou pedir água. Só muito depois os ingleses inventaram a bola e a rede para manter os jogadores separados, mas o instinto assassino de parte a parte continua o mesmo. Já um esporte civilizado é o boxe. Não há notícia de jogadores de xadrez ou de tênis se abraçando efusivamente depois de uma partida como acontece com lutadores de boxe, que continuam amigos depois da luta, mesmo porque passaram a maior parte do tempo abraçados.

E o futebol? É uma mistura de xadrez e de boxe. Na defesa um time de futebol depende da exata colocação das suas peças, como no xadrez, mas, como no xadrez, essas peças distribuídas com aparente racionalidade devem sugerir algo de polo mongol na sua truculência e no seu poder de intimidação. No ataque, o futebol depende do máximo aproveitamento de brechas, como no boxe. Ajuda se os jogadores de defesa odiarem a Humanidade como os melhores xadrezistas e os de ataque aceitarem ser golpeados sem ressentimentos, como os boxeadores. O vocabulário de um bom atacante está cheio de palavras que

jamais devem entrar na vida de um defensor, a não ser em pesadelos: surpresa, criação, fortuito, invenção. Não se imagina sobre o que defensores e atacantes conversam fora de campo. Sobre futebol certamente não é. Um não reconheceria o esporte do outro.

O meio-campo é onde as coisas se decidem no futebol porque é ali que se dá a metamorfose: bons meio-campistas são os que entram nessa área mágica enxadristas e emergem, lá na frente, boxeadores. Todo time precisa ter pelo menos um centauro, metade cavalo mongol, metade poeta, no seu meio-campo. Já que o Tostão decretou o fim do volante de contenção clássico, o ex-cabeça de área, no nosso futebol, começa a era dos híbridos de luxo: jogadores que combinem a força bruta do xadrez com a dexteridade intelectual do boxe.

Para que serve o futebol

Não sei por que o MH — Marciano Hipotético — insiste em voltar ao Brasil e ao meu texto, pois aqui ele só encontra perplexidades. Por mais que tente, o MH não consegue nos entender. Ele, que é verde, ficou azul de espanto quando lhe contei que, no país do futebol, o futebol era um mau negócio. Mas como, perguntou, agitando as antenas. Uma população deste tamanho, todo o mundo louco por ele, nenhum outro esporte profissional de massa disputando mercado com ele, um clima que permite a sua prática o ano inteiro — e ele só dá lucro para a CBF? Não consegue sustentar nem uma indústria de revistas especializadas como tem na Espanha e na Itália (ou, para não ir tão longe, na Argentina)? Os seus clubes estão falidos, os seus melhores jogadores são exportados?

Em Marte, contou o MH, apesar da ausência de grama e da fraca gravidade, que desaconselha tiros de meta para a bola não entrar em órbita, o futebol dá dinheiro. Mesmo se houvesse mercado para jogadores com três pernas na Europa, nenhum marciano sonharia em ir jogar lá. Nem no Real Madrid. Por que no Brasil não acontecia o mesmo? Achei melhor mudar de assunto e contar que outro problema do Brasil era a falta de terra para assentar agricultores. Aí o MH ficou roxo de indignação, me acusou de estar gozando com ele, entrou na nave que estacionara no telhado e foi embora.

Agora voltou, não com uma solução, mas com uma tese. Para ele, o problema básico do Brasil é o mesmo da agricultura quando uma safra excede a capacidade de escoamento. No nosso caso, uma superabundância de talento não encontra uma estrutura para absorvê-la. Num país enorme, o talento produzido não tem colocação e, literalmente, transborda. Mesmo os nossos maiores talentos

teatrais não sobrevivem naturalmente, de bilheterias, sem subsídio ou patrocínio. Cinema, a mesma coisa. De literatura ninguém vive. E como não se pode diminuir a produção de talento como se diminui a de soja, por mais que tentem emburrecer o país, o problema só cresce. Portanto, me disse o MH, está claro para o que serve o futebol profissional no Brasil, e por que persiste mesmo sendo um fracasso permanente. Ele existe para representar o grande desperdício nacional, o grande paradoxo de um país que não se aproveita. A função do futebol, no Brasil, é ser metáfora.

Dito o quê, o MH partiu outra vez, pois não é doido de ficar aqui.

O técnico

Todo brasileiro é um técnico de futebol frustrado. Deus é brasileiro. Logo, Deus é um técnico de futebol frustrado? Como Deus tudo pode, é provável que Ele seja o verdadeiro e eterno técnico da seleção, e os mortais que assumem a função apenas suas fachadas. Todos os técnicos da seleção brasileira seriam, na realidade, prepostos de Deus, o que explica o seu ar arrogante e a sua recusa em aceitar nossos palpites. Só a certeza de terem uma delegação divina explica que os técnicos da seleção ignorem, sistematicamente, os conselhos dos que entendem de futebol mais do que eles — nós — e se julguem os donos da verdade. Nenhum ainda confessou que recebe orientações diretamente de Deus, mas isso está implícito na sua soberba.

Que Deus é o técnico vitalício do Brasil pode ser provado, e não apenas pela quantidade de Copas que vencemos e pela nossa superioridade incontestada no futebol. As próprias derrotas do Brasil são da responsabilidade de Deus, para não dar na vista e manter a ficção da sua neutralidade. E Deus, nas alturas, está na posição que todos os técnicos consideram a ideal para ver o jogo. Mas como é onipresente pode estar lá em cima e falando com o seu auxiliar do lado do campo ao mesmo tempo, sem a necessidade de walkie-talkie ou celular.

Do baú

O futebol é, basicamente, o mesmo desde que foi inventado. Não há muito o que fazer para mudá-lo, fora detalhes. Com a lâmina de barbear acontece a mesma coisa. O modo de jogar futebol pode ser completamente diferente hoje do que era há anos, como a aparência dos aparelhos de barbear de hoje pouco tem a ver com a da época em que Mr. Gillette inventou sua prática lâmina, mas a ideia fundamental permanece inalterada, e inalterável. E, no entanto, todos os anos os fabricantes de aparelho de barbear precisam apresentar um produto novo. Todos os anos os departamentos de marquetchim pedem aos departamentos de pesquisa que reinventem o aparelho de barbear, para terem o que anunciar. Duas lâminas, três lâminas, cinco lâminas, lâminas flutuantes, lâminas convergentes, lâminas divergentes, lâminas musicais — qualquer coisa para que o aparelho do ano passado fique obsoleto e a novidade seja irresistível. Da mesma forma, todo técnico, quando assume um novo time, deve trazer a sugestão implícita de que vai reinventar o futebol.

As razões dadas para trocar de técnico são muitas. O técnico que sai perdeu o ambiente, perdeu a confiança, perdeu a razão — e é sempre mais fácil trocar um técnico perdedor do que um time inteiro. Mas a razão verdadeira é o desejo secreto de que o novo técnico reúna os jogadores no meio do campo, abra sua sacola e tire lá de dentro — tará! — um outro jogo. Um futebol inédito. Um futebol que ninguém mais tem, e, portanto, invencível. O milagre ainda não aconteceu, mas todo técnico de futebol é uma promessa do futebol reinventado. Por isso eles levam vidas de homens santos, perambulando pelo país entre guaridas temporárias, sabendo que é pouco o tempo entre a adoração e o desmascaramento, a adulação e o apedrejamento. Ou ele é um salvador ou é um

charlatão. Não tem o recurso do meio-termo.

Nem o recurso do bom-senso. O novo técnico não pode dizer para o time e a torcida que o futebol é um aborrecido jogo de repetição e paciência, decidido, muitas vezes, por um ponta-esquerda que nem foi escalado, o Fortuito. Não pode enfatizar que o futebol precisa ser jogado com o pé, sabidamente um órgão tão dispersivo e difícil de controlar que poderia ser do governo. Nem lembrar o fato de que o adversário colocará em campo, perversamente, um time com o mesmo número de jogadores que também querem a bola, só para os atrapalhar. Seria a mesma coisa que um fabricante de aparelhos de barbear fazer uma cara campanha publicitária para anunciar nada de novo. Dizer que não há mais o que fazer, que o aparelho de barbear chegou ao limite das suas possibilidades de mudança, que o deste ano será sensacionalmente igual ao do ano passado.

Impensável.

Infantilidades

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada. E esta nossa infantilidade compartilhada, de certa forma, redime tudo. Até o Eurico Miranda.

E também é a culpada pelo futebol profissional no Brasil ter vivido, até hoje, nesta doce irresponsabilidade sem cobrança e sem castigo. Nenhum clube de futebol precisa ser regido de uma forma legal e contábil porque nenhum existe no mundo real, adulto e fiscalizável. Todos contam com a tolerância carinhosa dedicada a crianças brincando de gente grande, ou de gente grande sendo criança. E a brincadeira fica cada vez maior e mais longe do controle. Nos últimos anos o comércio de jogadores de futebol, incluindo a repartição da propriedade do passe entre clubes e empresários e investidores, transformou-se num dos mais rentáveis negócios clandestinos do mundo, envolvendo trampas e tramoias que só podem ser imaginadas, já que muito pouco se torna público.

É muito saudável, portanto, que finalmente se investigue seriamente os negócios do futebol e se exija comportamento adulto dos seus responsáveis e correção fiscal e transparência dos clubes.

Desde, claro, que seja dos outros e não do Internacional ou do Botafogo.

A síndrome

Vanderlei cumpriu a promessa. Anunciou que o time seria ofensivo e eu, pelo menos, me senti ofendido pelo time. Mas é quase uma danação: escala-se o time para a promoção da imprensa, para a excitação da torcida e para a motivação de todos, e na hora dá tudo errado. Mesmo quando dá certo, a realidade nunca é igual à expectativa. Nenhum "ataque de sonho" anunciado na véspera funcionou como o anunciado, até hoje, no Brasil. Todos os ataques de sonho de que se tem memória ganharam essa classificação depois, na lembrança. Alguns até começaram a vida sob suspeição: Tostão e Pelé e Gerson e Rivelino no mesmo time não podia dar certo, lembra? Hoje sonhamos com um ataque como aquele.

O fato é que a notícia que o time vai ser mais ofensivo (com tudo que isso implica: gols, espetáculo, alegria, o verdadeiro futebol brasileiro etc.) geralmente é prenúncio de decepção. Existe uma tentação antiga que ronda os treinadores brasileiros, a síndrome dos dois centroavantes. Chega o momento numa partida difícil em que o treinador atira todos os planos para o ar e manda entrar o segundo centroavante. A lógica primária é botar mais gente dentro da área, e seja o que Deus e a bola espirrada quiserem. Significa o abandono da organização e de qualquer pretensão tática e poucas vezes dá resultado. A escalação de um time "ofensivo" é uma espécie de racionalização da síndrome. O time já começa o jogo num clima de dois centroavantes, entregue à inspiração instantânea de cada atacante. Até agora ninguém, muito menos o jogador e o técnico, pode dizer qual era a função do Ronaldinho no jogo de quarta contra o Uruguai, por exemplo. Suas ordens eram de entrar em campo e ser ofensivo. Ninguém, aparentemente, lhe disse como.

Uma das obviedades do futebol, que nunca é demais repetir, é que o número de atacantes é um dado apenas jornalístico, pois determina como será publicada a escalação. O importante não é quantos na frente, mas como — a mecânica da chegada. E isso se combina, não se improvisa na hora.

Sem bola

Nada melhor para discutir futebol do que a ausência do futebol. Isto é, do que aqueles períodos em que tudo é preparação e expectativa, tudo é especulação, e portanto tudo é teoria. Quando começa o futebol, as especulações passam a correr o risco de desmoralização instantânea, e nenhuma tese definitiva está livre de ser destruída por uma bola espirrada. É quando não há o perigo do desmentido pela prática que a teoria prospera. E, assim como os jogadores precisam aprender a jogar sem a bola, comentaristas têm que saber comentar sem a bola. Inclusive para ter assunto quando a bola está parada.

Acho que o debate tático melhorou desde os tempos em que tudo se concentrava na figura do "cabeça de área", que nem se chama mais assim. Quem justificava a presença de um "cabeça de área", hoje volante de contenção (pelo menos o nome melhorou), na seleção era considerado defensivista, retranqueiro e até antibrasileiro, na medida em que queria desfigurar o nosso alegre futebol, europeizando-o. Quem desprezava o "cabeça de área" era chamado de romântico, um dos piores epítetos no vocabulário do prolongado debate. Felizmente, nenhum treinador brasileiro nos últimos, o quê?, 40 anos — nem "ofensivistas" notórios como o Telê Santana — prescindiu de um jogador cuja função na seleção, disfarçada ou não, era a de guarda avançada da grande área. E a pressão contra o "cabeça de área", sempre identificado como sinônimo de "cabeça de bagre", não era pouca. Ouvia-se muito de torcedores entusiasmados que bastava escalar cinco craques na frente, o "dream-ataque" do momento, para que o resto da seleção se tornasse supérflua, a começar pelo "cabeça de área". Era a teoria do levamos quatro mas fazemos sete.

Hoje um Emerson ainda provoca dúvidas como as que provocaram

Batista e Dunga, por exemplo, e na base dessa discussão sobre usar ou não o Robinho com o sacrifício de alguém da contenção também há vestígios do velho debate. Mas a mecânica do jogo e as funções táticas mudaram, a discussão se sofisticou e, se realistas e românticos ainda não se reconciliaram completamente, pelo menos não brigam mais por uma posição só.

O time do boteco

A cena se incorporou ao folclore do futebol brasileiro. Escolhido para ser o técnico da seleção brasileira que disputaria a Copa do Mundo no México em 70, João Saldanha convocou a imprensa e anunciou o time. Não quem seria convocado, não quem seria experimentado — o time, os onze. Apenas repetiu, oficialmente, o que diria numa mesa de bar, se lhe pedissem a sua seleção. Outros na hipotética mesa escolheriam outras seleções, mas ninguém hesitaria. Todos teriam um nome para cada posição, e uma seleção pronta. A do Saldanha só ficou na história porque, com a mesma naturalidade com que a anunciava no bar, anunciou para o mundo, como técnico. Dando inveja, claro, a todos os outros escaladores de boteco do país, que tinham a sua seleção óbvia mas não tinham o poder de convocá-la.

Muitos mitos da seleção de 70 não resistiram ao tempo, ou foram desmentidos ou foram convenientemente esquecidos. Saldanha disse ou não disse que cortaria o Pelé porque o Pelé era míope? Largou a seleção porque os militares no poder, a começar pelo presidente Médici, estavam se intrometendo demais no seu trabalho, ou não foi bem assim? Não importa. O que deixou mais saudades — porque nunca tinha acontecido antes e nunca mais se repetiu — foi a simples anunciação, como primeiro ato da sua regência, do time que ele tinha na cabeça, do goleiro ao ponta-esquerda. O time do Zagallo que ganhou no México não foi o do Saldanha, mas isso também não interessa. Entre o boteco e o fato, entraram as circunstâncias, essas coisas serpentinosas em que a gente vive se enrolando.

O triste é que hoje não existe mais a escalação espontânea. A escalação de boteco nunca foi tão mal informada, e irrelevante. O futebol mudou no campo

(nem ponta-esquerda existe mais) e fora dele. Ninguém consegue acompanhar o que os jogadores brasileiros fazem no exterior para merecer a seleção — ou saber que interesse oculto existe por trás de uma convocação. O Brasil de 70, com Médici e tudo, era um pouco mais íntimo. E na falta do time mais ou menos óbvio, na falta do time do boteco, o que se vê é isto: uma seleção em constante experimentação, com um elenco para cada ensaio.

Não se deve valorizar demais a sabedoria popular no futebol. Muitas vezes os favoritos do público não convêm à seleção, e há exemplos recentes de implicâncias do público que deram certo. Mas a escalação do boteco valia pelo menos como uma referência. Bem ou mal, o boteco sabia. Hoje, o boteco nem desconfia.

Vermelho

Paulinho da Viola descreveu a primeira vez que viu desfilar a Portela. Aquele azul que passou em sua vida não era do céu, não era do mar. Era um azul só delas, da Portela e da sua lembrança. Um azul exclusivo, inexplicável, único, que nunca mais seria o mesmo. Mas não era o azul que jamais se repetiria — era a sensação de vê-lo pela primeira vez. A mesma sensação que eu tive na primeira vez em que fui a um jogo de futebol, um Grenal, e vi entrar em campo o Internacional. O vermelho da sua camiseta não era do sangue, não era do fogo. Eu nunca tinha visto um vermelho assim antes, e nos sessenta anos seguintes nunca o vi da mesma maneira outra vez. Um vermelho só reproduzível na memória. Um vermelho inaugural, inédito, como o de um rio de lava no começo do mundo. E o meu coração se deixou levar.

A família tinha voltado a Porto Alegre depois de dois anos passados nos Estados Unidos, e eu, com nove anos, precisava escolher um time como forma de me reintegrar nos hábitos da terra. O Inter era o time mais em evidência no estado na época. Ganhava todos os campeonatos e era apelidado de Rolo Compressor, tal a sua vantagem sobre os outros. Escolhi o time vencedor. Mas não foi só isso. Nos Estados Unidos, eu tinha contribuído para a vitória das forças aliadas contra as forças do Eixo, matando japoneses e alemães aos milhares nos meus jogos de guerra solitários. O Grêmio, naqueles tempos, só aceitava jogadores brancos, e sua torcida era quase toda branca. Não escolhi torcer pelo Inter para continuar defendendo a democracia por outros meios, sem minha metralhadora, nem por qualquer manifestação precoce de consciência social — mas que era bom torcer pelo time dos negrinho contra o time dos alemão, era. Ainda mais que os negrinho ganhavam sempre.

A política racial do Grêmio acabou com a contratação do Tesourinha, que fora o maior ídolo do Internacional e meu maior ídolo pessoal. Hoje os times e as torcidas de Inter e Grêmio se equivalem em variedade racial e social. Mas, quando fui ao meu primeiro Grenal, Tesourinha ainda era do Inter (depois passou pelo Vasco) e o Grêmio ainda era o time dos alemão. Mas foi tamanho o deslumbramento com minha primeira visão das camisetas vermelhas entrando em campo que esqueci um fato importante daquele jogo: o Grêmio ganhou o Grenal e foi o campeão de 1946. Sempre convivemos assim: uma torcida esquecendo ou tentando diminuir as glórias da outra. Nunca reconhecemos o campeonato do mundo vencido pelo Grêmio em Tóquio, por exemplo. Era outra competição, outro mundo. Tóquio passa a valer alguma coisa a partir de agora.

E já posso imaginar aquele vermelho entrando em campo, em Tóquio. Um vermelho como nenhum outro, um vermelho primal como o das minhas lembranças de menino, mas inaugurando outra história.

Mistério

Essa lambança no Corinthians traz de volta o velho mistério do futebol brasileiro, qual seja, dois pontos: por que ele não dá certo? Dar certo no caso significa ser um negócio altamente rentável mesmo sendo razoavelmente legítimo, já que as condições para isso existem aqui mais do que em qualquer outro lugar do mundo. No fundo é a mesma pergunta que se faz sobre o Brasil. Como o Brasil, o futebol também é uma nação populosa com recursos naturais inesgotáveis, com tudo para ser rica e feliz — e não é. Vive em permanente estado de miséria material e moral. Por quê? Aqui o futebol tem tudo que um negócio precisa para prosperar — um enorme público cativo, mão de obra barata, publicidade de graça e praticamente nenhum concorrente no seu ramo, o do esporte profissional — e não apenas não prospera como fica cada vez mais indigente, vivendo da alienação do seu patrimônio e enriquecendo só uns poucos. Os clubes estão falidos, os jogadores precisam sair do país para serem bem pagos — ou, em muitos casos, para simplesmente serem pagos — e nem uma grande imprensa esportiva existe, pelo menos não em proporção ao seu mercado estimado. (Basta comparar o que existe em matéria de publicações sobre futebol aqui e em países como Itália, França, Espanha e, para não ir tão longe, Argentina.) Qual é o mistério?

Não vale apelar para a danação genética, aquela do brasileiro não tem jeito mesmo. Nem à velha história da impossibilidade de uma civilização séria nos trópicos. Somos tão exagerados na nossa baixa autoestima que até já inventaram que se começasse a dar dinheiro em árvore, no Brasil, teríamos duas semanas de euforia — todos os problemas resolvidos e todas as contas pagas, as pessoais e as do país —, mas na terceira semana as coisas começariam a dar

brasileiramente errado e no fim de um ano estaríamos importando dinheiro, pois o custo de importar seria mais baixo do que o de colher. O fato é que o fracasso do futebol como negócio no Brasil provoca a mesma perplexidade que provocaria o fracasso de sucessivas colheitas de dinheiro. Como é que pode? Ou como é que não pode?

Talvez a explicação esteja na lógica simples que, a História nos ensina, rege o capitalismo. Este sempre passa por uma fase de gangsterismo empreendedor antes de ficar respeitável e socialmente responsável. O futebol brasileiro só estaria um pouco atrasado em relação a essa rotina. Aqui a fase dos bandidos estaria demorando um pouco mais para acabar.

Viradas

Nos filmes e nos teipes do futebol de alguns anos atrás, o que mais se nota não são o ritmo mais cadenciado, a facilidade para jogar ou a quantidade de atacantes — é o tamanho dos calções. E tão inconcebível quanto usar aqueles calçõezinhos hoje seria imaginar, na época, que no futuro todos usariam calçõezões pelo joelho. Quando o Arsenal veio jogar no Brasil (em que ano mesmo, Armando Nogueira?), rimos muito dos seus calções compridos, não muito diferentes do que eram no começo do futebol. Só os conservadores ingleses, mesmo, para continuarem ridículos daquele jeito. O ridículo virou moda e viramos todos ingleses. O futebol fez o caminho inverso ao do tênis e do vôlei feminino, em que, felizmente, os uniformes ficam cada vez menores. A Anna Kournikova jogando com um saião de antigamente seria um exemplo angustiante da mulher certa, certíssima, na hora errada. Se bem que ela poderia ter esperado mais um pouco para nascer e pegado o tênis de biquíni que, se Deus for camarada, virá em breve. Mas o que eu queria dizer é que, um dia, ainda pensaremos no desperdício que era o futebol profissional no Brasil e também nos acharemos ridículos. Olharemos para trás e nos veremos de calçõezinhos irracionais e antieconômicos e nos perguntaremos como podíamos não nos dar conta.

Depois do banho

Nosso time de futebol de calçada e terreno baldio se chamava Racing. Ou frequentemente se chamava Racing, pois assim como não tinha uma formação exata — o número de jogadores em ação podia oscilar entre três e treze, ou mais — o nome também variava. Mas eu gostava de Racing. Não "reicim", Racing, com a pronúncia francesa ou argentina. Cheguei a desenhar um escudo para o time, com as letras RFC, que nunca foi bordado nas nossas camisetas por uma única razão: não tínhamos camisetas. Jogávamos com nossa roupa normal, e as chuteiras, naqueles tempos pré-tênis, eram os sapatos de todo dia, para desespero das mães. Sim, sou do tempo em que só se usava tênis para jogar tênis, e quem jogava tênis? Terminávamos os jogos suados, imundos, com roupas rasgadas e os sapatos mais arranhados do que as canelas desprotegidas. Os jogos terminavam ao anoitecer, mas alguns jogadores saíam antes do tempo, pois precisavam "entrar", chamados para fazer a lição de casa, tomar banho — enfim, aquelas coisas que atrapalham a vida de qualquer atleta. E era comum um dos que saíam voltar, de banho tomado e roupa mudada, enquanto o jogo ainda estava em andamento.

Lembra daquela sensação? Você voltava ao local onde antes trocava pontapés com outros selvagens ou rolava pelo chão sem se preocupar em poupar calça, camisa ou joelho, mas você era outro. Era você depois do banho, com ordens expressas para não se sujar de novo. Ao mesmo tempo um ser superior que olhava os outros com divertida condescendência — "Ah, sim, também já fui criança como vocês..." — e uma espécie de pária, segregado dos outros pelo seu novo status de limpo, penteado e pronto para o jantar. Lembrei disso pensando no PT no poder. A sensação deve ser parecida. A de ter sido chamado a "entrar",

deixando para trás o jogo da calçada ou do campinho com a sua alegre irresponsabilidade, e voltar depois do banho, cheio de recomendações para se comportar, não se misturar mais com a sua turma de peladeiros e, acima de tudo, não chutar nada com o sapato bom.

A bola nova

Essa bola amarela, não sei não. Antigamente as bolas de futebol tinham a cor do couro com que eram feitas. Pintadas de branco, só em jogo noturno. Lembro do meu espanto ao saber que, em cada jogo oficial de campeonato, usavam uma bola nova, o que me levava a sonhar com montes de bolas usadas uma vez só, estocadas em algum lugar. Uma visão do paraíso. E era uma bola por partida, substituída, com autorização do juiz, apenas em caso de perda de esfericidade, o nome científico de murchamento. Isto significava que, quando a bola espirrava para fora do campo, era devolvida pelo público para que o jogo pudesse continuar. A bola era devolvida pelo público! Talvez nada na nossa história recente tenha a importância simbólica deste fato: no tempo da número cinco cor de couro a torcida devolvia a bola. Se a bola demorasse a voltar para o campo, havia manifestações de impaciência e quem a retivesse — só por farra, ninguém era ladrão — era hostilizado pelos outros torcedores. Não se sabe se a torcida passou a ficar com a bola quando começaram a usar várias por partida ou se foi algo na nossa alma que mudou. Há quem atribua a uma reversão dos polos magnéticos da Terra lá pelos anos 40 e 50 a deterioração do caráter do brasileiro. Não sei. Seja como for, uma das suas primeiras manifestações foi não devolverem mais a bola.

Ela era branca só em jogo noturno porque ajudava a visibilidade, até se darem conta de que o branco também favoreceria a visibilidade de dia, pois seu contraste com o verde do gramado era maior do que o do marrom. Agora houve um retrocesso. A cor da nova bola não é marrom, é amarelo cocô de criança. Os goleiros estão se queixando de que ela é mais difícil de pegar, mas talvez estejam só com nojo. O contraste com o verde decididamente piorou. Não demora

aparecer uma teoria conspiratória alegando que a troca foi para atrapalhar o Brasil na Copa deste ano. Um reconhecimento de que o Brasil era imbatível com a bola antiga, o campeão definitivo da bola branca. Como todos estranharão a bola nova da mesma maneira, estaria começando outra era com tudo reequilibrado, e com chance até para Trinidad e Tobago.

Além da bola, o Brasil precisará se preocupar com a soberba. O clima nacional está um pouco como o de 82, lembra? Aquele time que foi para a Copa da Espanha, com Falcão, Cerezzo, Sócrates, Zico, Éder, também não podia perder para ninguém, com qualquer bola. Nos anais da Fifa não consta, mas quem ganhou aquela Copa foi a soberba. Vai ser nosso principal inimigo na Alemanha.

Outros tempos

Eu sou do tempo em que crônicas que começavam com “eu sou do tempo”, eu, pelo menos, não lia, pois sabia que eram escritas por velhos para velhos e não teriam nada que me interessasse. Só para dar uma ideia de quanto tempo faz.

Eu sou do tempo em que torcedor de futebol olhava em volta antes de gritar palavrão nos estádios. Para ver se não tinha “família” por perto. “Família” era eufemismo para mulher, difícil de encontrar em estádios de futebol brasileiros daquele tempo. Raro era o homem que levava a “patroa” ao futebol. Mais raro ainda o que levava a filha ou a namorada. Que, quando um palavrão era gritado nas suas imediações, tinham que fazer cara de quem não ouvira. Ou não sabia o que era. Quando alguém ouvia um vizinho de arquibancada gritar um palavrão, era comum advertir, preocupado: “Olha as famílias.” Hoje, claro, as famílias se unem no palavrão gritado em coro.

No caso de um time estar dominando o jogo sem deixar o adversário contra-atacar, invariavelmente ouvia-se o grito:

— Aluga-se meio-campo!

Balão para o alto?

— Viva São João!

E o admirável era que as frases sempre faziam sucesso. Sempre provocavam risos e olhares de aprovação, como se tivessem sido improvisadas na hora. “Aluga-se meio-campo...” Boa, boa. Muito engraçado também era, depois que o jogador errava um chute, mandá-lo pôr o pé na fôrma. O pessoal tinha cada uma... Lembro uma frase de que eu gostava muito. Quando um jogador apelava para uma jogada mais rude, maltratando a bola ou o adversário,

ouvia-se o grito indignado:

— Olha o recurso!

Significava que faltava recurso técnico ao jogador e por isso ele estava cometendo aquela barbaridade.

— Olha o recurso!

Um chamamento aos brios — que, pensando bem, também é uma frase antiga. Afinal, o futebol está cheio de recursos. Quem jogava feio era porque não os tinha, e portanto nem deveria estar em campo.

Nunca mais ouvi o “olha o recurso!”. Talvez porque se a frase ainda estivesse em uso, nos jogos de hoje não se ouviria outra coisa.

Eu sou do tempo em que se chamava aos brios.

Meus dois pedidos

Agora posso contar. Fui eu que consegui a vitória do Internacional no campeonato mundial interclubes, no Japão, em 2006.

Foi assim. Recebi uma oferta do Diabo pela minha alma. Veio por e-mail, de sorte que nem vi a sua cara. Ele procurava na internet pessoas dispostas a trocar sua alma pelo que quisessem. Respostas para 666belzebu.com. A pessoa empenhava sua alma ao Diabo, para entregar na saída, e em troca poderia pedir duas coisas. Mas só duas coisas.

Perguntei como eu poderia ter certeza de que ele cumpriria a sua parte no trato. Depois da minha alma empenhada, contrato assinado com sangue etc., ele poderia simplesmente não atender os meus pedidos. Ele propôs que fizéssemos um teste. Que eu pedisse alguma coisa impossível. Que o meu pedido fosse um delírio, algo totalmente fora da realidade. Se ele cumprisse o prometido, eu saberia que sua oferta era para valer. E só então lhe entregaria a minha alma. Concordei.

Qual seria o meu primeiro pedido? Pensei imediatamente no Internacional. Está certo, antes pensei na Luana Piovani, mas aí achei que poderia dar confusão. Em seguida pensei no Internacional. Um campeonato do mundo para o Internacional! Decisão contra o Barcelona. Sua resposta veio num e-mail conciso:

— Feito.

E foi o que se viu. Vitória sobre o Barcelona contra todas as probabilidades. Inter campeão do mundo. O trato com o Diabo era, por assim dizer, quente. E eu podia fazer meu segundo pedido. Um bicampeonato do mundo para o Inter? Concluí que estava sendo egoísta demais. Estava pensando

só na alegria dos colorados — e passageira, pois não poderia pedir vitórias do Internacional em todos os campeonatos, para sempre — e esquecendo o meu país. Deveria pedir, pela minha alma, algo que desse alegria a todos, inclusive gremistas. O quê? Quero que o Brasil se transforme num país escandinavo. Agora! Um país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos, magnificamente chato. Era isso: minha alma por um país aborrecido!

Foi o que botei no meu e-mail para o Diabo. Ele respondeu perguntando se eu tinha pensado bem no que estava pedindo. Eu deveria saber que a adaptação seria difícil. A conversão da moeda, a língua, o frio, os hábitos diferentes... E que seria impossível preservar tudo o que nos faz simpáticos, e criativos, e divertidos — enfim, brasileiros no bom sentido — sem a bagunça e o mau caráter. Ou ser escandinavo só durante o expediente e brasileiro depois. Era mesmo o que eu queria? É, respondi. Chega desta irresponsabilidade tropical, desta indecência social disfarçada de bonomia, desta irresolução criminosa que passa por afabilidade, deste eterno adiamento de tudo. Faça-nos escandinavos, já!

O Diabo: “Tem certeza? Já?”

Eu: “Bom... Depois do carnaval.”

Vá explicar

O proverbial marciano que chega na Terra sem saber de nada a nosso respeito tem sido muito usado para destacar nossos absurdos. O homenzinho verde é um eterno perplexo. Quando viu um mapa do Brasil e lhe disseram que um dos problemas do país é o de agricultores sem terra, ele quase teve um desmaio. Pediu: “Amoníaco, amoníaco”, para se restabelecer. Como é que, num país com tanta terra, falta terra? E vá você explicar para o homenzinho verde que não é bem assim, porque os latifundiários, porque a propriedade, porque o produtivo e o improdutivo, porque a política e a bancada ruralista, porque isto e porque aquilo. Ele não se convence. Se há país no planeta em que não deveria haver questão fundiária, o que dirá conflito fundiário, é o Brasil. Mas isso na opinião do marciano, que não sabe nada a nosso respeito.

Aliás, sabe um pouco. Mesmo o marciano mais verde, quando chega, quer conhecer o Pelé, de quem já ouviu falar. E se interessa pelo nosso futebol. Faz perguntas. Fica sabendo que o Brasil é o país do futebol, que aqui se joga o melhor futebol do mundo. Precisa que lhe esclareçam alguns detalhes (como o que é “mundo”), mas entende que o futebol deve ser um grande negócio no Brasil, que com tantas e tão grandes torcidas os campeonatos de futebol no Brasil devem ser das competições mais espetaculares e rentáveis do, como é mesmo? Mundo. Esse tal de Flamengo, por exemplo. A maior torcida do Brasil, é isso? Onde o Flamengo joga, enchem os estádios, é isso? Só a torcida do Flamengo deve garantir o sucesso financeiro dos campeonatos brasileiros, exclama o homenzinho. Bem, diz você, não é bem assim. E conta que o Flamengo está ameaçado de rebaixamento. Que, se não fizer os pontos necessários, cai da primeira divisão, e sua torcida vai junto.

O marciano pisca os seus três olhos, perplexo de novo. Como é? Mas logo se reanima. Isso quer dizer que os campeonatos de futebol do Brasil são tão espetacularmente rentáveis que podem abrir mão da maior torcida do país, só porque o seu time terminou mal na tabela. É isso? Não, diz você. Os campeonatos são deficitários. Os clubes não têm dinheiro. O futebol brasileiro precisa de renda. Não pode dispensar um único torcedor, quanto mais a torcida do Flamengo. E do Grêmio, e do Atlético Mineiro, e do Botafogo, e do Palmeiras, que também são times de grande torcida que podem cair... Mas o que se vai fazer? É o regulamento.

— Amoníaco, amoníaco! — pede o marciano.

O time dos sonhos

Garrincha

Onde você estava no dia 17 de junho de 1962? Quem ainda não era nascido por favor vire a página e nos deixe com nossas memórias. Foi o dia em que o Brasil ganhou a Copa do Mundo pela segunda vez seguida, no Chile. Até hoje, é pavloviano: quando penso naquela Copa, ouço a música “Et maintenant” e sinto o gosto de cachaça com mel. Eu morava no apartamento de uma tia, no Leme. Acompanhávamos os jogos do Brasil pelo rádio tomando batidas de cachaça, cuidando para nunca variar a rotina que estava obviamente ajudando nosso time. A Clarice Lispector era vizinha, mas não me lembro dela participando desses rituais. Sentimos que tínhamos feito alguma coisa errada quando o Pelé se machucou — teríamos trocado a marca da cachaça? Depois descobrimos que tudo estava previsto. Com o Pelé machucado o Garrincha se viu na obrigação de jogar por quatro e ganhar a Copa. A celebração das vitórias sempre começava com “Et maintenant” a todo o volume no toca-discos e geralmente acabava no restaurante Fiorentina, ali perto. Vitória do Brasil era apenas outro pretexto para festa no Fiorentina, onde iam “os artistas” e onde pareciam estar sempre comemorando alguma coisa. Hoje sei que se celebrava o fato de termos todos 35 anos menos do que teríamos um dia. Garrincha e Gilbert Becaud, quem podia com essa tabelinha?

1962. Eu tinha saído de Porto Alegre naquele ano com a ideia de ganhar

algum dinheiro no Rio e depois ir para uma vaga Londres fazer alguma coisa mais vaga ainda ligada a cinema. Éramos movidos a cinema, naquela época. Eu não tinha diploma de nada nem qualquer vocação aparente, fora um discutível "jeito para desenho". A Clarice, amiga da família, chegou a telefonar para o Ivan Lessa, que trabalhava em publicidade, para ver se me conseguia um emprego. Não deu. Chegou um amigo de Porto Alegre, companheiro de inconsequências, que ganhara uma bolada da venda de umas terras do pai e entre usar o dinheiro para se estabelecer ou queimar tudo num fim de semana no Rio optou pelo mais sensato e me convocou para ajudá-lo. Sim, tive meus três dias de condor, mandando baixar no Fred's (o Hotel Meridien hoje se ergue sobre as suas cinzas) e requisitando coristas para acompanhar nosso delírio de paulistas. A minha se chamava Letícia e, meu Deus, hoje deve ser avó. Foi uma despedida tardia da adolescência. Depois começou a vida real. Fui trabalhar com um americano com a promessa de ficar rico e quase acabei preso, casei, tentei um negócio que não deu certo e, quatro anos depois de me mudar para o Rio, voltei para casa. Que ficara ainda mais longe de Londres do que era antes. Lembro que a estrela principal do Fred's era a Lady Hilda. A Lady Hilda era intocável. A Lady Hilda namorava um delegado.

Em 1962, no Rio, você lia as colunas do Armando Nogueira, do Nelson Rodrigues, do Stanislau Ponte Preta, do Antonio Maria, do João Saldanha, do Paulo Francis escrevendo sobre teatro e mandando pau na direita... Quem mais? Na *Manchete* saíam as crônicas do Rubem Braga, do Paulo Mendes Campos e do Fernando Sabino, e na *Cruzeiro* as gloriosas duas páginas do Millôr. Jango estava no governo, as reformas de base eram uma possibilidade (apenas se o Lacerda deixasse, porque os militares estavam sob controle) e, como se não bastassem a Rose di Primo e o sundae do Bob's, havia o Garrincha. No auge, como todo mundo.

O escanhoado

Os jogadores de futebol argentinos não fazem a barba nos dias que antecedem um jogo. É para parecerem mais assustadores em campo. A cara de facínora ajuda a intimidar o adversário. Você não gostaria de encontrar alguém com aquela cara numa calçada, quanto mais vindo na sua direção para dividir uma bola. Imagino que quando os argentinos jogam entre si as caras feias se anulem, mas contra adversários de outros países elas têm funcionado — a fama de determinação e ferocidade dos argentinos é merecida, mas se deve em grande parte à barba por fazer. Ao chamado efeito troglo.

O Fernandão do Internacional costuma jogar com a barba por fazer e, como se viu em Tóquio, entrega-se ao jogo como um argentino, mas a semelhança termina aí. Não sei qual é o motivo dele para não fazer a barba, mas certamente não é para simular uma origem selvagem e uma nostalgia de tacape. O que Fernandão trouxe para o Inter foi uma rara combinação de talentos futebolísticos e humanos. Tem técnica — é só lembrar aquele lençol que deu em dois ao mesmo tempo no domingo — e liderança dentro e fora do campo, enxerga o jogo como poucos e é o responsável pelos sucessivos bons anos do Inter desde a sua contratação, culminando com a apoteose no Japão. O dele foi um poder civilizatório no Inter, nada mais longe das cavernas. Para jogar contra o Barcelona, fez a barba. Talvez previsse que iria ser fotografado com a taça e quisesse ficar escanhoado para a posteridade.

Sendo um falso troglodita e um falso argentino, Fernandão também simboliza um equívoco — ou, pelo menos, uma controvérsia — a respeito do sucesso do Internacional. A vitória do Inter em Tóquio seria mais um triunfo do estilo gaúcho de jogar futebol, o velho estilo guerreiro tão admirado e tão

resistido nesse país irmão, o Brasil. Um estilo forjado pelo clima europeu, por uma história de feitos varonis etc. Mas como se explica que a maioria dos jogadores que estavam em Tóquio não era de gaúchos? Ou o estilo diferente não existe, ou existe como filosofia e só aceita jogadores como o goianense Fernandão, o cearense Iarley e outros que se enquadrem nela. Neste caso, o campeonato mundial de clubes de 2006 foi vencido por um time de falsos gaúchos. No bom sentido, claro.

A raça dos dez

Nem todos que pertencem à raça dos número dez jogam com a número dez. O dez da Inglaterra, Beckham, joga com a sete. O dez da Alemanha, Ballack, joga com a treze. O argentino Riquelme nem me lembro, acho que é com a oito. Não é o número da camiseta que distingue a raça dos dez, é a função. Mas a função mudou com a evolução — alguns diriam a involução — do futebol.

No tempo do dez prototípico, modelo da raça, Pelé, a função tinha um nome que a definia. Ponta de lança. O Pelé do Santos que entrava na área fazendo tabelinha (outra arte perdida do futebol) com o Coutinho era um "ponta de lança". Foi o próprio Pelé, na seleção vitoriosa de 70, quem institucionalizou a mudança de característica dos dezes. Ele fez muita jogada aguda de área naquela Copa, algumas memoráveis, e a tarefa convencional de "distribuir" o jogo era de Gérson e Rivellino, mas Pelé também jogou atrás, comandando a retomada da bola e encaminhando o contra-ataque. Era um ser híbrido, um transitório, metade lança e metade lançador. E inaugurou a raça atual.

Entre os seus seguidores, houve os que continuaram sendo pontas da lança — o Zico, por exemplo — e os que abdicaram do título e foram usar seu talento como centralizadores e distribuidores no meio, só aparecendo na grande área quando a saudade era irresistível. Hoje Beckham, Ballack, Riquelme, Zidane, o Appia, de Gana, etc. estão todos atrás, escolhendo os caminhos do ataque e o municiando com lançamentos. Empunham a lança e só de vez em quando — chutando de longe, com bola parada como Beckham no último jogo da Inglaterra, ou numa visita de surpresa à área como Zidane no último jogo da França — fazem o que era a vocação natural dos pontas de lança nos primórdios

da raça. Gols.

O mulato suíço

O futebol brasileiro cultiva alguns mitos românticos, e um deles é o dos magníficos perdedores. Ou são jogadores que por azar ou índole nunca chegaram a ser o que poderiam ter sido — caso do autodestrutivo Heleno de Freitas, com todo o sucesso que teve — ou então times inteiros, dos quais se diz que foram magníficos apesar de perdedores ou (ainda mais romântico) ficaram magníficos por serem perdedores. De acordo com o mito, as duas melhores seleções de futebol já formadas no Brasil foram as que participaram dos nossos fracassos mais notórios: o da Copa de 50 no Rio e o da Copa de 82, na Espanha. Com o tempo, a frustração foi se transformando em ressentimento pelo que o destino fez com aqueles times, e sua reputação — em parte justa, em parte apenas nostálgica e em parte fictícia mesmo — só aumentou. Como eram times imbatíveis, segundo a euforia reinante, e foram batidos, acrescentou-se um componente de tragédia nacional às suas histórias, o que só ajudou a transformá-las em mitos. Heróis trágicos são dramaticamente mais evocáveis do que vencedores.

Um dos heróis da Copa de 50, Bauer, morreu esta semana, com 81 anos. Aquela seleção tinha tantos talentos que podia se dar ao luxo de jogar com uma linha média (ah, as linhas médias) no Rio — Ely e Danilo, do Vasco, e Bigode, do Flamengo — e a do São Paulo, Bauer, Ruy e Noronha, em São Paulo. A teoria era ter um meio de campo já aclimatado, e com torcida própria, no Maracanã e outro no Pacaembu. Mas Bauer era tão bom que tomou o lugar do Ely no Rio também. Nunca o vi jogar. Ouvi todos os jogos do Brasil na Copa pelo rádio e só "vi" Bauer com a imaginação, e não sei se o evoco corretamente. Era o que chamavam de um jogador "clássico", fosse isso o que fosse, e me

lembro do locutor falando da sua calma, do seu domínio do meio-campo e da precisão dos seus passes. E já não sei se ouvi ou se inventei que isso se devia ao fato de ser filho de um suíço.

Aquele time caiu em desgraça antes de ser redimido pelo tempo. Surgiram histórias de culpa e desespero logo depois da derrota para o Uruguai. Danilo teria se suicidado. Outros jogadores, como o goleiro Barbosa, estariam sendo perseguidos e obrigados a se esconder, presumivelmente pelo resto da vida. Bauer foi um dos poupados, inclusive dos boatos. Era o único remanescente do time de 50 na Copa de 54. Que foi outra tragédia, mas mais vexaminosa do que grega. Depois da vitória brasileira em 58 começou a mitificação do time de 50.

O time era tão bom assim? Não sei, os termos de comparação com outras seleções brasileiras são difusos, o futebol era outro etc. Mas suspeito que o mulato suíço seria destaque em qualquer time brasileiro — ou, mais provavelmente, europeu — se jogasse hoje.

O cabelo do Beckham

Purtugal, Purtugal, Purtugal. A torcida portuguesa não parou de gritar no fim do jogo. Aplaudiu seu time derrotado, que foi saudá-la e agradecer o apoio. O time alemão também fez, não uma volta olímpica, mas uma caminhada compungida pelo campo depois da sua derrota. Para agradecer ao público, que o ovacionou. Nos jornais, depois, apareceria a foto do Ballack com lágrimas nos olhos durante a volta melancólica. Saber perder não significa apenas cumprimentar elegantemente o adversário vencedor. Significa também participar desse teatro de contrição e solidariedade. A torcida brasileira, apalermada pela derrota, não teve nem essa concessão do seu time.

Não sei se são verdadeiras as histórias da insensibilidade de alguns jogadores com a eliminação. É claro que a maioria sentiu. Mas ficou faltando o gesto na hora. O reconhecimento, a comunhão com a torcida, o consolo mútuo. Lágrimas eram opcionais, mas o Brasil que não soube ganhar também não soube perder.

Contam que depois de um vexame do David Beckham num jogo da Copa de 1998 sua mulher Victoria teria ligado para seu celular e dito algo como: “Anime-se, baby. Seu cabelo estava ótimo.” Uma frase exemplar e cheia de sentidos. Significa que futebol é apenas futebol e que nada é tão trágico que não tenha suas compensações. Significa que ninguém deve se abater com um tropeço passageiro, porque a vida continua e pode ser bela, ainda mais se você tem o cabelo do David Beckham. Mas, pressupondo uma dose de cinismo no comentário da Victoria, que era uma das Spice Girls, ou garotas apimentadas, nos seus tempos de artista, a frase era para lembrar o marido das suas prioridades: tudo pela Inglaterra, certo, mas acima de tudo a sua imagem. A

seleção não era tão importante quanto o corte do seu cabelo. Uma crítica que se faz a alguns jogadores brasileiros é que estariam mais preocupados com suas imagens pessoais do que com o sucesso do grupo. Cada um teria o seu cabelo do Beckham para cuidar. Não sei.

Minha seleção da Copa? Seria estranha. Para começar, não teria goleiro. Três zagueiros: Lúcio, Juan e o italiano Cannavaro, certamente o craque da Copa. Sorin numa lateral e na outra também, para equilibrar. Zidane, Patrick Vieira, Riquelme e Ballack no meio. Cristiano Ronaldo, Klose e Podolski, que é bom mas não tão bom quanto pensam os alemães, na frente.

Lembra quando a gente dizia que o Brasil tinha um grande time mas uma defesa fraca? Finalmente temos uma boa dupla de área — e o resto do time desapareceu!

O garoto de Ipanema

No Brazil (capital Buenos Aires), os garotos de praia decidem cedo se querem ser bailarinos ou jogadores de futebol. A decisão nunca é definitiva, porque o samba pode ser uma forma coreografada de futebol e o futebol uma forma improvisada de samba. As boas seleções brasileiras, na apreciação da imprensa internacional, são as que não contrariam esse velho clichê, que tem atravessado os anos intacto. Você pode ter certeza de que, cedo ou tarde, o sucesso de uma seleção brasileira será atribuído à nossa habilidade inata de passistas, e o fracasso a um inexplicável abandono dessa virtude única, que também nos ajuda a driblar os bichos na floresta. Agora mesmo, nos elogios ao Ronaldo que enchem os jornais estrangeiros depois da vitória sobre a Turquia, nota-se um pouco desta antiga caricatura simplificadora. Ronaldo foi o melhor do jogo para a crítica de fora — em contraste com a opinião da crítica brasileira, que diz que sua má atuação só foi redimida pelo gol —, e juro que li, em meio a previsíveis referências à "mágica" recuperada pelo futebol brasileiro nos pés do goleador, que Ronaldo era um "boy from Ipanema" apenas exercendo seu dom natural. A discussão sobre eficiência tosca e criatividade que dividiu o futebol brasileiro desde que o Felipão assumiu a seleção, que é a continuação de uma controvérsia que existe desde o tempo em que ainda se falava em futebol-força e futebol-arte, ou, pensando bem, qualquer discussão teórica sobre o futebol no Brasil soaria para a crítica estrangeira como apenas outros sons exóticos saindo da floresta. Para que teoria, se basta aos garotos de Ipanema jogarem como se sambassem para encantar todo o mundo?

Ainda sobre o Ronaldo: injustas as gozações com os comentaristas de rádio e televisão, que não têm o privilégio dos comentaristas de jornal de só

darem sua opinião quando o jogo acaba, pelo que disseram sobre a atuação dele antes do gol salvador. Comentaristas de rádio e TV se arriscam a ser desmentidos em segundos, num lance, mas se não assumirem esse risco não são bons comentaristas. Como dizia aquele domador de leão para quem o criticava: vem me dizer isso aqui dentro da jaula.

Imarcáveis

No futebol, “imarcável” não quer dizer exatamente isso. Quer dizer difícil de marcar, não impossível de marcar. Garrincha era genuinamente “imarcável”. Botaram um segundo marcador em cima dele e ele continuou “imarcável”. Botaram um terceiro e ele continuou “imarcável”, mas aí já era eufemismo. Queria dizer difícil mas não impossível.

Com Garrincha e seus múltiplos marcadores começou uma inversão no futebol. Hoje os jogadores “imarcáveis” são exatamente os mais anuláveis. Ronaldo e Romário, por exemplo. São tão “imarcáveis” — Romário pela habilidade e a matreirice, Ronaldo pela habilidade e a força — que as defesas adversárias se organizam em função disto e os anulam com facilidade. Outro “imarcável”, o Denilson. O Passarela armou todo aquele lado da sua defesa para impedir que ele exercesse o adjetivo no seu sentido estrito, e conseguiu. Enquanto isso, os “marcáveis” do time brasileiro recebiam marcação corriqueira. Outros nem precisavam disto, pois marcavam a si próprios. Alguns até com uma certa violência.

É claro que a habilidade que torna os jogadores “imarcáveis” pode aflorar num segundo e decidir um jogo, mesmo com quatro marcadores em cima. É desses segundos fugidios que vive a reputação de jogadores como Romário e Ronaldo. Em nenhuma outra profissão do mundo — salvo, talvez, a de equilibrista de circo — a diferença entre a glória e a miséria pode estar assim, num instante fortuito, numa quebra de normalidade. Se o instante não vem eles passam o jogo inteiro submersos entre adversários, levando pontapés no calcanhar. Se vem, se consagram de novo, justificam salários e contratos e retornam ao paraíso — pelo menos até o jogo seguinte. São segundos tão

abençoados e férteis que podem dar a impressão de serem dádivas do céu. Talvez por isso o Zagallo se sinta desobrigado de fazer com que eles aconteçam e prefira ficar esperando que Deus os forneça. Basta escalar os “imarcáveis” que cedo ou tarde o instante iluminado virá e eles nos salvarão. E preciso não esquecer que, na Copa, a providência divina teve a ajuda do Dunga.

Apelidos

Começam a desaparecer os apelidos no futebol brasileiro, o que é sinal de maturidade. Havia algo de condescendente nos apelidos, uma certa presunção de infância prolongada e, portanto, de submissão. Um Tiquinho, por mais famoso que ficasse, sempre seria um Tiquinho, principalmente diante de um cartola com nome e sobrenome. O apelido do jogador, no Brasil, era menos "nome artístico" do que nome de senzala, uma forma de ele conhecer seu lugar e seu limite.

Hoje há mais César Sampaio do que Maizena, e há tempo não aparece um Careca.

Durante muito tempo o apelido serviu como uma espécie de referência estenográfica para identificar o talento. Se o chamassem de Edson, ou de Nascimento, ele jogaria o mesmo, mas de certa maneira o futebol de Pelé estava subentendido no apelido. Naquele ataque da seleção de 58, só Zagallo jogava com seu nome oficial ("Formiguinha", misericordiosamente, não pegou), e isso também combinava com seu futebol. Zagallo era um sério e compenetrado jogador de esquema para que os outros pudessem ser Garrincha, Pelé, Vavá e Didi à vontade.

Nilton Santos passou a ser chamado pelo nome todo para distingui-lo de outro Santos, o Djalma, mas depois ficou impossível tratá-lo de qualquer outra maneira. Seu futebol impunha tanto respeito que o difícil, mesmo, era resistir à tentação de acrescentar um "Doutor" ao nome. E ninguém jamais pensou em chamá-lo de Niltinho.

Uma regra implícita do futebol é que zagueiro central tem que ser conhecido pelo nome da certidão e se forem dois nomes, melhor. O apelido e,

principalmente, o diminutivo dão uma certa impressão de frivolidade, inadmissível na grande área. O último zagueiro pelo meio com “inho” no nome que chegou à seleção, se não me falha a memória, o que é pouco provável, foi o Luizinho do Atlético. Bom jogador, mas não inspirava a confiança que só vem com o nome certo. Fica sempre a impressão de que o zagueiro com alcunha não assume os seus atos. Quem pode confiar numa defesa com pseudônimo? Na escalação da defesa ideal deveria constar o nome dos zagueiros pelo meio, o sobrenome, a filiação, o CIC e um telefone para reclamações.

Pato e Puskas

Todo torcedor de futebol tem o mesmo sonho: que o próximo Pelé apareça no seu time. Qualquer indício de que isso pode estar por acontecer, qualquer prenúncio — como a frase “Tem um garoto surgindo nos juvenis que não sei não” —, reacende a esperança e alimenta o sonho. Será ele? O próximo Pelé é como o novo Dalai Lama, que pode surgir em qualquer lugar, não necessariamente no Tibete. O próximo Pelé pode estar crescendo neste exato momento numa categoria de base de qualquer clube do Brasil, mesmo nos que “categoria de base” seria um nome pomposo demais para seu estoque de garotos esperando a vez.

“Pelé”, no caso, é um nome genérico. Já surgiram outros Pelés, ou meio-Pelés, ou pseudo-Pelés, depois do primeiro. Pelé deu o nome à categoria quando chegou à seleção brasileira e a uma Copa do Mundo com apenas 17 anos, em 1958, na Suécia. Um feito inédito. Desde então o futebol brasileiro vive à espreita de jogadores de 17 anos que repitam o fenômeno. Ronaldinho Gaúcho é o exemplo mais notório de um “Pelé” recente. Se criou no Grêmio de Porto Alegre. O arquirrival Internacional, que sempre foi um manancial de meio-campistas (Falcão, Carpegiani), mudou de linha e passou a produzir atacantes (Nilmar, Rafael Sobis) como candidatos a “Pelés”. E ultimamente, de quem convivia com as categorias de base do Inter, começou-se a ouvir muito a frase premonitória: “Tem um garoto surgindo aí que...”

Era o Pato. Ele estreou no time principal do Inter no último fim de semana. Com 17 anos. Arrasou. Não se sabe se é mesmo tudo que aparenta ser. Ainda terá que passar por alguns testes para provar sua divindade. Aliás, como o Dalai Lama. Mas a torcida do Internacional agora também começou a sonhar

com o campeonato do mundo.

Eu sei, já devo ter contado que vi o Charlie Parker tocar umas duzentas vezes. Mas quantas vezes contei que vi o Puskas jogar? Está bem, cem vezes. Pois vi. 1959. Fui assistir a um Real Madrid contra Atlético de Madrid — em Madri, onde mais? O ataque do Real Madrid tinha o francês Kopa, o húngaro Puskas, o argentino Di Stéfano e o, suponho, espanhol Gento. O time já era, então, uma seleção mundial. Ganhou a partida, que é uma das lembranças futebolísticas que guardo num estojo. O Puskas jogava com aquela naturalidade que identifica o craque instintivo, o craque de nascença, e cuja última grande manifestação que vimos foi o Zidane na Alemanha. Ou foi o Pato em São Paulo?

Galáticos

Paris — Há uma lição moral, em algum lugar, na história do fracasso do Real Madrid, aquela seleção de futebol do mundo que não ganha de ninguém. Quer dizer, ganhar ganha, tanto que o clube não está tão mal assim na classificação do campeonato espanhol. Mas não é o campeão nem da Espanha, nem da Europa, nem do mundo, como seria lógico que fosse, com aquele time. E seus jogadores "galáticos" hoje só enchem o seu estádio para serem vaiados.

Há quem diga que o destino dos times de sonho é não darem certo e que o maior exemplo disso é a seleção de basquete dos Estados Unidos, que pela lógica não deveria perder para ninguém, nunca. Mas aí a questão moral escondida passa a ser por que os times de sonho jamais correspondem ao sonho. Seria porque competem não com os outros times mas com a própria expectativa que criam, uma expectativa da perfeição impossível. Ou porque se autodeslumbram a ponto de pensar que o outro time só não entrega a partida ao vê-los entrar em campo por uma inexplicável falta de respeito. Ou simplesmente porque se rebelam contra a ideia de que são uma coleção de super-homens e, inconscientemente, querem proteger sua humanidade normal. Teorias psicológicas a gosto.

No caso do Real Madrid, a explicação estaria não na psicologia rarefeita, mas num conceito empresarial equivocado. Era tamanha a volúpia pelo espetáculo e a renda que ele proporciona que não cuidaram da defesa, onde são raros os jogadores espetaculares. E o resultado é um meio time de virtuosos com um vazio lá atrás — a fachada do Taj Mahal sustentada por dois palitos. Faltam no time os que não aparecem e não dão espetáculo, os zagueiros bandidos e os estivadores do meio-campo. A lição do Real Madrid seria, afinal, a mais velha

lição do futebol: para você poder brilhar com a bola é preciso que alguém a tire do adversário.

Não ajuda, claro, o fato de cada um dos galáticos saber exatamente quanto valem suas pernas e estudar a conveniência de dividir uma bola com os mesmos critérios que usa para avaliar um investimento.

Arrasador

Quando quero impressionar as pessoas com minhas lembranças conto que vi o Domingos da Guia jogar e o Charlie Parker e o Dizzy Gillespie tocarem juntos, provavelmente com Bud Powell ao piano, no velho Birdland de Nova York. Quando noto que só estou impressionando com minha idade, me apresso a dizer que era garoto quando o Domingos da Guia foi jogar em Porto Alegre com o Corinthians, em fim de carreira, e só conseguia entrar no Birdland porque ninguém se lembrava de pedir prova de que eu não era um adolescente. Mesmo assim, são cada vez mais frequentes os desencontros de referências que nos convencem que estamos deslizando para a obsolescência como um pé entrando num chinelo. Velho. Para quanta gente o termo “domingada” em referência à jogada de um beque ainda significa alguma coisa? Pensando bem, para quanta gente o termo “beque” ainda significa alguma coisa?

“Domingada” era uma jogada típica do Domingos da Guia dentro da sua grande área, um drible ou um toque de efeito que misturava calma, técnica e irresponsabilidade em doses iguais e maravilhava os torcedores que não matava do coração. Pior do que o interlocutor que não sabe quem era Domingos da Guia é o interlocutor com toda a aparência de ser do seu grupo de idade e referências, que concorda com todas as suas opiniões sobre o Da Guia e só no fim revela que está falando do Ademir da Guia, filho do Domingos. Esse é arrasador.

Pior do que isso, e do que o riso disfarçado de filhos e amigos de filhos diante de alguma gíria que escapa (“Comigo não, violão!”), é você, querendo simular que está por dentro, mora?, perguntar: “Você acha que os Oasis são os novos Beatles?” E o outro, sem misericórdia, responder: “Os novos quem?”

Robinho e o paradoxo

Alguém já disse que o rococó é o barroco que não soube onde parar. Todos os estilos correm o risco de descambar para o excesso, e saber o ponto em que começa o excesso é difícil, como acertar o ponto do pudim. Quando é que o discurso político deixa de ser democrático e fica populista, ou passa de populista a demagógico? Qual o parâmetro para distinguir um estilo lírico de um estilo preciosista, o sensível do piegas, o experimental do meramente pretensioso ou — seguindo-se a máxima do Mário Quintana segundo a qual estilo é uma dificuldade de expressão — do simplesmente incapaz? Muitos escritores novos dizem que seu maior problema é saber por onde começar. Não é. O maior problema de quem escreve (ou compõe, ou interpreta, ou, principalmente, discursa) é saber onde parar.

O futebol moderno criou um paradoxo. Para ser corretamente jogado ele precisa inibir a individualidade do jogador e sacrificar seu brilho pessoal pela organização solidária. Mas as defesas ficaram tão organizadas que só podem ser vencidas pela iniciativa individual — ou seja, pelo proibido. Assim, cada jogador de ataque com a bola no pé é um artista obrigado a decidir, instantaneamente, até onde ele pode ir antes que seu brilho vire brilhatura, o seu drible deixe de ser na medida e vire dispersivo — enfim, que ele passe do barroco ao rococó e sua iniciativa individual seja chamada de falta de espírito de equipe.

Eu sei, jogada pessoal espetacular é a jogada pessoal condenável que deu certo, e a diferença entre um lance de gênio e apenas mais um drible improdutivo muitas vezes é só uma questão de milímetros. Seja como for, um atacante como o Robinho passa o jogo inteiro acossado pelo paradoxo, tendo que

considerar questões de forma, função, proporção e equilíbrio. Em vez de um intuitivo alegre é um esteta de chuteiras, preocupado, antes de mais nada, em não destoar do todo.

Robinho, apesar de, junto com o Anderson e na ausência do Ronaldinho Gaúcho e do Kaká, ser o jogador mais espetacular dessa seleção, sabe jogar com os outros. Mas porque é, entre todos desse time, o mais capacitado a abrir defesas fechadas com sua habilidade e mobilidade, acaba sendo um lembrete constante do paradoxo inibidor. A gente passa o jogo inteiro esperando que Robinho entre driblando até dentro do gol, numa jogada decididamente antimoderna. A verdade é que queremos alguém que não saiba onde parar!

Momento de glória

Não faz muito, comentava-se o jeito estranho que o Ronaldão encontrara para comemorar um gol. Algo que poderia se chamar “Barata Agonizante”. Melhor do que o “Porco Chafurdeiro”, inventado por outro jogador há tempos (quem era, o Viola?), mas, mesmo assim, teve gente que achou de mau gosto. O Ronaldo prometeu nunca mais se deitar de costas e sacudir todas as pernas no ar como uma barata emborcada depois de um gol. Mas pode-se especular sobre o que estarão tramando nossos atletas para comemorar os gols que farão na Copa do Mundo.

Não é um assunto menor a comemoração dos gols. Pode-se fazer um tratado sociológico sobre esse corolário do futebol: as diferentes maneiras de quem faz o gol festejar e de os outros jogadores participarem da festa, e o que isso revela sobre a psicologia do jogo. Hoje quase não se vê mais isto, mas não era raro o autor do gol fugir dos companheiros, esquivando-se de quem queria abraçá-lo para prolongar um pouco mais o seu momento de glória solitária. O futebol é um empreendimento coletivo, mas quem faz o gol é um só. É quando o indivíduo se distingue do todo. E muitas vezes passava a ser perseguido no campo pelo resto do time, que precisava abafar seu destaque passageiro ao mesmo tempo que celebrava seu feito. Quando o alcançavam, amontoavam-se em cima dele, para que ele se sentisse definitivamente reintegrado no grupo.

A comemoração do gol tem uma história paralela à do futebol brasileiro, do clássico soco no ar do Pelé ao bebê embalado do Bebeto — que fez o gesto depois do seu gol na Holanda, na Copa de 94, para homenagear um filho recém-nascido, e, sem saber, inaugurou uma mania. Durante muito tempo, jogadores sem qualquer pretexto para simularem pais orgulhosos imitaram o Bebeto,

embalando bebês imaginários na beira do campo depois de marcarem um gol. Há os que aproveitam o seu momento de glória levantando a camisa e mostrando uma saudação premeditada a uma namorada, a uma causa ou ao Senhor, que presumivelmente torce pelo seu time. Há os que já têm a coreografia do festejo pronta. Há os que continuam na corrida e sobem no alambrado para serem metaforicamente lambidos pela sua torcida.

Ultimamente, as comemorações de gol ficaram mais cenográficas. O autor do gol tem sua chuteira simbolicamente engraxada pelo companheiro, como um sinal de reverência. Na seleção, ele está sendo festejado literalmente a tapas — talvez apenas uma versão moderna, bem-humorada, do antigo ritual de reintegração. E o que eles estarão preparando para a Copa? Os ensaios já devem ter começado.

Novilhos

Durante muito tempo o Pelé de 58, campeão mundial com 17 anos, foi um fenômeno único. Não apareceu outro Pelé no futebol brasileiro nos, o quê?, 40 anos seguintes. Porque o Pelé seria único com qualquer idade, mas também porque não havia muita necessidade de fenômenos precoces como ele. Hoje há.

Já ouvi compararem o nosso futebol à nossa pecuária, que vende o gado para corte com cada vez menos idade porque cresceu o mercado para carne de novilho, mas principalmente porque ficou caro demais esperar que o boi chegue à sua idade "normal" de abate. Sem meios para evitar que seus melhores jogadores partam para a Europa, ou para competir no mercado mundial de bons jogadores, o futebol brasileiro também estaria recorrendo aos seus novilhos. Investe-se na precocidade porque não há mais tempo e dinheiro para esperar que os projetos de Pelé amadureçam e apareçam. E o novo protótipo de jogador brasileiro é o menino que passa de "juvenil promissor" a revelação da semana sem qualquer estágio intermediário. Não é que a safra seja boa, se posso misturar as metáforas agropastoris, é que a crise está braba. Precocidade não é mais fenômeno, é último recurso.

Antigamente se hesitava em lançar garotos bons entre os titulares para não "queimá-los". Além de não terem corpo para enfrentar os profissionais, eles não teriam estrutura psicológica para enfrentar o eventual fracasso. Na crise, não há mais lugar para esse tipo de escrúpulo, que também servia para proteger o emprego dos mais velhos. Pintou um bom recém-desmamado, está escalado. E, mesmo, como esta geração de meninos parece compensar o pouco físico com uma autoconfiança congênita e uma arrogância de top-models (que, com 17

anos, também já desfilam como se soubessem tudo da vida e do mundo), falta de experiência não significa mais nada. O que pode acontecer é o futebol se transformar numa atividade, como a natação e o tênis (e a de modelos), em que, com vinte e poucos anos, a pessoa já começa a temer a decadência e a ser desafiada por novas crianças.

Agora, que é bom ver essa garotada jogar bola, é.

A comparação

Vi jogar o Domingos da Guia. Eu garoto e ele em fim de carreira, jogando no Corinthians. Vi jogar o ataque do Real Madrid que tinha Kopa, Puskas, Di Stéfano e Gento. Vi jogarem Tesourinha e Garrincha pela direita, Chinezinho e Rivelino pela esquerda, Tostão e Maradona pelo meio. Vi jogarem Didi, Platini, Desailly e Raí, só pra ficar na rima. Zizinho e Ademir, vi jogarem nos "jornais" de cinema que semanalmente mostravam as partidas do campeonato carioca e eram a televisão da época. Fui para o Rio em 62, o que quer dizer que peguei aquela grande fase do Santos em que o Maracanã enchia para ver o Pelé, sem falar na grande fase do Botafogo de Nilton Santos. Na verdade, vi o Pelé começando. Num jogo Inter e Santos em Porto Alegre, na pré-história (antes da Copa de 58), ele entrou no segundo tempo. Me lembro de ter comentado com meus botões "esse guri vai longe"... Os botões não confirmam, mas já que estou ostentando minhas memórias futebolísticas, vai esta inventada também. O fato é que vi jogarem grandes jogadores, e vi o maior de todos.

Ronaldinho Gaúcho é melhor do que Pelé? Ou seja, é o melhor jogador de futebol de todos os tempos? Há respostas-padrão fáceis para a pergunta. É cedo para dizer, o futebol hoje é outro, não dá para comparar etc. Mas como a especulação cresce com o encanto por Ronaldinho e a mania das listas definitivas também (melhor canção, melhor filme, melhor qualquer coisa de todos os tempos), não demora vem enquete. E quem tem mais memórias — está bem, mais idade — estaria teoricamente mais capacitado para julgar. Mas velhos observadores do futebol tendem a ser nostálgicos ressentidos. Gostam de dizer coisas como "Vocês acham que esse cara é bom? É porque não viram jogar o...". E vão buscar um nome lá no fundo, tão no fundo que ninguém pode contestar, ou

quem pode contestar está tão velho que não pode ter certeza. As fases do futebol se confundem com suas fases pessoais, e eles têm pelas suas lembranças uma ternura que dificulta a objetividade. Não sei se o Tesourinha do Internacional era bom como eu pensava ou bom mesmo era ter aquela idade e estar descobrindo o futebol. Acreditamos mesmo que não voltarão a existir jogadores como os da geração de Pelé ou queremos acreditar nisso porque a geração era a nossa, e o que não voltará mais é a nossa juventude?

Se Ronaldinho Gaúcho é melhor do que Pelé é cedo para dizer, o futebol hoje é outro, não dá para comparar. Mas acho que quem faz a pergunta é porque não viu jogar o Pelé.

Ser Brasil

Montezuma

Em 86, fui cobrir a minha primeira Copa do Mundo. No México. O crachá me identificava como correspondente da *Playboy*, e não foram poucas as vezes em que pediram explicações sobre o enfoque do meu trabalho. Abordaria o lado sexual de uma Copa do Mundo, se pudesse encontrá-lo? Me concentraria nas arquibancadas e nas torcedoras com pouca roupa sob o sol mexicano? Por alguma razão o crachá da *Playboy* divertia muito as pessoas. Ou talvez o contraste do crachá com a minha cara. Eu respondia com um sorriso forçado. E com o tempo o sorriso forçado adquiriu outro significado. Além de tolerância com as piadas reincidentes, dor de barriga. Pois não demoramos muito para sucumbir à praga que o imperador Montezuma rogou contra todos os estrangeiros que pisassem no solo mexicano. Nossa diarreia coletiva ainda era por conta da invasão do Cortez.

A frase mais ouvida entre os brasileiros em Guadalajara, além das críticas ao time do Telê, era: “O Montezuma me pegou.” Ou: “Tou com o Montezuma.” Ou, mais precisamente: “Tou com o Montezuma e não paro!”

— Não entendo. Desde que cheguei, só tomei água...

— Tá doido? A coisa mais perigosa aqui é a água.

— Mesmo fervida?

— Fervida é pior!

Alguns tinham receitas cabalísticas para enfrentar o flagelo.

— Todos os dias, tome sete tequilas puras, depois sete margaritas e sete cervejas.

— Assim não dá diarreia?

— Dá, mas aí quem se importa?

Tudo dava dor de barriga. Remédio para dor de barriga dava dor de barriga. No começo, achei que a maneira de escapar do Montezuma era desafiá-lo. Chamá-lo para um cara a cara e mostrar que não tinha medo. Quando vi o que havia para comer no bufê do café da manhã no hotel, pensei em pedir, primeiro, melancia.

— Con leche, señor?

— Es fervido?

— No.

— Entonces si.

Depois percorreria as travessas de comidas quentes. Huevos revueltos com pimenta? Por supuesto. Feijão mexido? Nada melhor àquela hora da manhã. Chilis releños? Dos.

Mas perdi a coragem. No meu primeiro café da manhã no hotel, curvei-me abjetamente à ameaça do imperador e pedi um chá com torradas.

Deu dor de barriga.

Ser Brasil

É como repartir uma laranja ao contrário. Começamos com 32 pedaços, chegamos a 16, depois serão oito, depois quatro, depois dois e no fim teremos uma laranja inteira — o que é certamente a mais banal descrição de uma Copa do Mundo jamais feita. Não estamos decidindo as últimas questões da vida mas também não estamos apenas montando uma laranja que daqui a quatro anos estará em pedaços outra vez, significando nada. A Copa é um grande negócio e um grande acontecimento cultural internacional e coisa e tal, mas também não é só isso. Mexe com essa coisa indefinível que é a relação das pessoas com os símbolos dos seus afetos, que podem ser só um escudo e uma camiseta mas representam muito mais, seja lá o que for.

Há muito mais do que apenas uma síntese ou um hábito de linguagem quando alguém diz “Eu sou Flamengo” ou “Eu sou Inter” em vez de dizer que é torcedor. Há uma necessidade de identificação que vai além de gostar. O Brasil que está em campo não é a nossa pátria numa guerra de mentira com a pátria dos outros, com a nossa torcida, é o que a gente é, ou pensa que é, ou quer ser. Todo torcedor da seleção “é Brasil” dessa maneira meio arrebatada, mesmo os que não abrem o peito com o despudor do vizinho de arquibancada. É fácil gozar o passional de verde e amarelo que se sente pessoalmente traído toda vez que a seleção erra um passe, mas o que está acontecendo é isso mesmo, somos diminuídos um pouco a cada fracasso da seleção. Nossa irritação permanente com o Zagallo ou com quer que seja o treinador da seleção vem disto, de saber que são eles que controlam as nossas coordenadas afetivas e cívicas sem que a gente possa dar um palpite a respeito. Não podemos deixar de “ser” Brasil e ao mesmo tempo não temos nenhum domínio sobre o que eles fazem com a nossa

entrega.

Pelo menos durante os próximos quatro anos, seremos todos pessoas diferentes se por acaso... Olha aí, eu ia escrever “se por acaso o Brasil for eliminado”, mas procurei, procurei e não encontrei um único pedaço de madeira para bater neste quarto de hotel. Melhor não arriscar.

Prefiro terremoto

Posso botar no meu currículo que já passei por cinco finais de Copa do Mundo e dois terremotos. O primeiro terremoto foi em São Francisco, na Califórnia, e eu tinha 6 anos de idade. O segundo foi na madrugada deste sábado. Duas e meia, eu no quarto do hotel em Tóquio, passando matéria para o jornal pelo lépitópi, e sinto o chão tremer. Em seguida noto que o hotel oscila. Estamos no décimo primeiro andar. Não é bom sentir um décimo primeiro andar oscilar. Das cinco finais de Copa a que assisti, três foram com a participação do Brasil. A de 94 contra a Itália, decisão nos pênaltis depois de um jogo e de uma prorrogação nervosos. Brasil e França em 98, aquela coisa. E Brasil e Alemanha neste domingo, 67 minutos de sofrimento até o Ronaldo fazer o primeiro dos seus dois gols decisivos. Você perguntará o que é pior em termos de desamparo, terror, incerteza sobre o que vai acontecer e sensação de catástrofe iminente: final de Copa do Mundo com o Brasil ou terremoto? Já tenho experiência suficiente para responder. Final de Copa é pior.

Mesmo um mau roteirista hesitaria em escrever uma história de superação pessoal e reversão de adversidade, com todos os chavões do gênero "volta por cima", que nem Hollywood aceitaria mais, como a do Ronaldo. Uma história piegas e improvável que, no entanto, aconteceu e foi o grande tema dramático desta Copa. Ronaldo imitou a trajetória clássica do herói mitológico que desce ao inferno e volta para refazer a história. Voltou do abismo para refazer a final de 98 na França. É o primeiro mortal real a conseguir retornar no tempo para corrigir sua própria biografia. A vitória pessoal do Felipão também é inverossímil. Técnico enfrenta uma nação inteira pelas suas convicções, aposta na sua teimosia e vence contra todas as expectativas. A outra grande história da

Copa. E outro roteiro que ninguém compraria.

Os obrigados

Era preciso subir sete andares para chegar à tribuna de imprensa, e no quarto andar eu parei de dizer “Não tenho mais idade, não tenho mais idade” porque não tinha mais fôlego. Mas foi só encontrar meu lugar, com a visão perfeita do campo do estádio de Yokohama onde se realizaria a final da Copa de 2002, e recuperar o fôlego, e me tornei um homem agradecido. Estava chegando ao fim de um mês de trabalho difícil, mas durante o qual fiz duas das coisas que mais gosto, que são viajar e ver futebol. O que quer dizer que estava num paraíso. Um paraíso com escadas demais, mas um paraíso. Só podia estar agradecido.

E não apenas aos que tinham me proporcionado a oportunidade de ver minha quinta decisão consecutiva de Copa do Mundo e aos companheiros de missão. Cabia também repetir o agradecimento público que fiz às minhas coronárias, quando, contra todas as previsões, elas me trouxeram até o ano 2000. Obrigado, meninas! Obrigado pela bonificação. Por esta prorrogação sem morte súbita. Cheguei a 2002 e ao fim de mais uma decisão de Copa com a participação do Brasil, que sempre são as mais emocionalmente desgastantes, em razoável estado. Com fígado para as comemorações e um cérebro em condições perfeitas para saber o que está acontecendo. E um cérebro em condições perfeitas para saber o que está acontecendo, ou eu já disse isto? E todos os sistemas ainda funcionando, embora às vezes eu custe a lembrar para o que servem alguns.

Uma vez, com meus 14 ou 15 anos, tive o seguinte pensamento: quando eu ficar bem velho (com 40 anos, por aí) os americanos já terão descoberto a cura de todas as doenças e o segredo de uma vida sem fim, salvo bigorna na

cabeça. Portanto, pra que me preocupar?

A verdade é que ninguém pensa seriamente na morte antes dos 30 e poucos anos. A inevitabilidade da morte nos bate de repente, sem aviso, sentados na privada ou no meio de um picolé. Você num minuto está bem, eternão, e no momento seguinte é um mortal irreversível. E pelo resto da vida carregará aquela coisa, o sentimento da sua morte, com você. Como uma hérnia inoperável que só se pode acomodar.

Chega o momento em que todo homem, principalmente todo cardíaco, desenvolve uma fé irrealista na pesquisa médica. Se convence que de algum lugar, provavelmente do Japão, virá o cateter mágico que depositará bactérias amestradas nas suas artérias, e elas começarão a desobstrução definitiva que lhe dará mais cem anos (só mais cem, não é como se estivéssemos pedindo a eternidade) de vida. No fim tudo se resume numa corrida entre a fatalidade e os laboratórios.

Chegar ao ano 2000 foi um feito, chegar a 2002 e ao fim de uma Copa com muito deslocamento e pouco elevador foi uma surpresa, e chegar ao fim de noventa e poucos minutos de um Brasil e Alemanha que só começou a se definir na metade do segundo tempo foi um milagre. Mas conseguimos.

A Copa da Alemanha em 2006? Se depender de mim, terei idade, sim. Mas depende dos japoneses.

O bunraku é uma das tradicionais formas de teatro do Japão, junto com o noh e o kabuki. No bunraku, bonecos são manipulados por pessoas encapuzadas vestidas de preto, e uma das suas convenções é que a plateia precisa fingir que os bonequeiros não estão no palco para poder aproveitar o espetáculo. Quem se concentrar nos movimentos dos manipuladores, em vez de nos bonecos, não acompanhará a trama e perderá o melhor. No futebol brasileiro e nos campeonatos mundiais organizados pela Fifa acontece a mesma coisa: para aproveitá-los você precisa fingir que os manipuladores não existem, ou são apenas recursos cênicos neutros. Fica cada vez mais difícil ignorar a presença dos vultos negros movendo os atores e os cenários do futebol. Mas é preciso concentrar-se no espetáculo e fazer de conta que não tem mais ninguém no palco. Pois a única maneira de aproveitar o que uma Copa do Mundo e um

campeonato nacional têm de único e de sensacional é encará-los como teatro bunraku. É ver os manipuladores em cena — pois alguns nem se dão mais o trabalho de usar capuz —, saber que eles estão lá, mas ignorá-los e dar toda a atenção à arte e à grandeza do futebol jogado.

A favor e contra

Faz parte do folclore dos jornalistas, na sua eterna luta com os prazos de fechamento, a matéria feita antes, que vale em qualquer eventualidade. Considerações sobre o nada, a prova de qualquer desmentido dos fatos. Outro recurso é fazer duas matérias, uma prevendo uma coisa e outra prevendo o seu oposto. Esse é perigoso, pois há sempre o risco de haver confusão e sair a matéria errada. No caso do futebol, a matéria dupla — por que ganhamos e por que perdemos — requer uma dose maior de sangue frio, para não dizer cinismo, jornalístico. É conhecida a história daquele editor que se lembrou em cima da hora que no dia seguinte era Páscoa e o jornal precisava se referir à data. Entrou na redação e pediu a um repórter:

— Escreve aí cinco linhas sobre o martírio de Jesus Cristo.

E o repórter:

— A favor ou contra?

Escrever a favor ou contra Zagallo e a seleção de acordo com o resultado da final já seria uma injustiça, escrever a favor e contra antes e publicar a tese justificada pelo resultado seria uma calhordice. Afinal, deve-se ter convicções firmes, independentes da sua conveniência, inclusive sobre o martírio de Jesus Cristo. Nem a vitória redimiria completamente Zagallo das suas teimosias nem a derrota o condena completamente. Zagallo caiu abraçado às suas convicções. Não deixa de haver uma certa grandeza nisso.

Seria possível, isto sim, ter previsto dois “scenarios”, como gostam de dizer os franceses, para a final, cada um com um personagem diferente, Ronaldo e Zidane. Por que ganhamos? Porque Ronaldo finalmente jogou tudo o que sabe — ele que, jogando metade do que pode, já era um dos jogadores mais

importantes do Brasil — e foi o nome do jogo e da Copa. Por que perdemos? Porque Zidane, e não Ronaldo, foi o nome do jogo e finalmente o herói do dia e do título. A grande noite de Ronaldo e suas consequências eram mais fáceis de prever. Do lado da França o herói podia ser qualquer um. Mas, como o "scenario" da Copa acabou sendo perfeito para os franceses, nada mais adequado e dramaticamente certo do que o seu jogador favorito ser o seu jogador decisivo.

Preciso confessar que escrevi parte deste texto, até o Jesus Cristo, antes de começar o jogo. É um exemplo do uso do nada para ganhar tempo. Poderia ter escrito antes sobre o triunfo final de Ronaldo ou o seu fracasso e mandado o texto que encaixasse com o resultado. O que eu nunca poderia escrever era qualquer coisa que antecipasse três a zero para a França. Três a zero, nem no "scenario" do francês mais delirante.

Prólogo e epílogo

O passado é prólogo. No momento em que o juiz apitar o começo do jogo Alemanha x Costa Rica e a bola fizer um giro completo sobre a sua circunferência, hoje, tudo o que houve até aqui passa a ser preâmbulo. As Copas até agora, a preparação para esta, tudo vira história. Passa a valer só a realidade concentrada nos 90 minutos, mais os descontos, de cada jogo, até o apito final do jogo final. Quando esta Copa também poderá ser estudada num contexto histórico e se transformará em matéria de memória. Prólogo para a de 2010.

Raul Milliet, o responsável pelo livro *Vida que segue*, com textos do João Saldanha, teve a feliz ideia de escolher as crônicas do João que falavam das Copas de 1966 e 1970. Uma foi prólogo da outra. Estou degustando aos poucos o livro, que o Rodolfo Fernandes teve a gentileza de me trazer do Brasil. É excelente. O desastre de 66 foi a condição para a vitória de 70, o seu preâmbulo direto. O livro é sobre isso, além de ser o retrato de uma personalidade fascinante. Em 66, o Brasil, empolgado com as vitórias de 58 na Suécia e 62 no Chile, convocou seis seleções completas para a Copa da Inglaterra. Ou meus neurônios me enganam? Não, foi isso mesmo. Mais de 60 jogadores foram chamados para uma triagem inicial que incluía jogos entre os diversos times em diferentes locais do país, dentro do projeto de explorar politicamente o futebol do regime militar. Essa loucura não foi a única responsável pela derrota na Inglaterra, mas dá uma ideia de como se organizava o futebol na época. Quando convidaram o João Saldanha para ser o técnico da seleção de 70, a primeira coisa que ele fez, na primeira entrevista que deu como técnico, foi escalar o time titular. Que acabou não sendo o time que venceu no México, mas só o seu anúncio já mostrava que a mentalidade era outra.

Esse passado teve um epílogo triste. Me lembro da preocupação dos amigos dele, em Roma, em 90. Não era para o João ter ido àquela Copa, no estado em que estava. Morreu lá. Mas também não poderia ter ficado em casa. Era a primeira Copa depois da derrota em 86. Nos quatro anos entre 86 e 90 ele disse como a seleção deveria jogar na Itália. Estava lá para checar se, mais uma vez, tinham-no ouvido.

Foi-se

Foi a Copa de tão pouco futebol que o maior divertimento estava na plateia. Ver o Maradona torcendo e especular sobre como o Beckenbauer conseguia estar em todos os jogos, alguns realizados no mesmo dia a centenas de quilômetros um do outro. Descartada a tese dos quatro sósias, concluiu-se pela tese do helicóptero rápido. Como Beckenbauer também se casou durante a Copa, comenta-se que o noivo é que era um sósia.

Foi a Copa em que chegamos convencidos de que só muito azar evitaria a vitória do Brasil e em que não foi preciso muito azar. Bastou um Zidane.

Foi a Copa que uniu um país em torno da sua seleção, e dividiu sua alma. Os alemães preocupavam-se com uma questão nova em suas vidas: quanto patriotismo é demais? Quando o amor por uma seleção deixa de ser só isso e se transforma em recaída em velhos hábitos? Pela primeira vez viu-se alemães abanando a bandeira do seu país sem medo de serem mal compreendidos. Foi um grande passo para esquecer o passado e acabar com desconfianças. Dizem que o próximo é modificar o hino nacional. Onde diz “Deutschland, Deutschland über alles” ficaria “Deutschland, Deutschland über alles no bom sentido”.

Foi a Copa em que dois jogadores prometiam ser sensação. Um era o Ronaldinho Gaúcho. Melhor do mundo etc. O outro era o garoto inglês Theo Walcott. Apenas 17 anos, diziam maravilhas dele. Nenhum dos dois jogou nada. O Theo Walcott pelo menos tem a desculpa de nunca ter entrado em campo.

Foi a Copa em que se abriu uma discussão sobre a importância da torcida na produção de um time. “Allez les vieux”, o refrão alternativo a “Allez les bleus” da torcida francesa, ajudou. Pelo menos os veteranos da França chegaram à final. Teria faltado algo parecido para animar os nossos velhos? Está aí uma

explicação.

Foi a Copa do gol do Esteban Cambiasso, concluindo aquela trama do ataque argentino, quando a Argentina fez seis a zero na Sérvia e Montenegro e chegou-se a pensar que salvaria o futebol da mediocridade que pintava. A Argentina nem salvou o futebol da Copa nem se salvou. Mas que aquele gol foi bonito, foi.

Foi finalmente a Copa em que se estava consagrando uma legenda que a própria legenda se encarregou de destruir. Seria a Copa do Zidane. Foi a Copa da desgraça do Zidane, que saiu de campo sob vaias. Pelo menos um pouco de drama para temperar a mediocridade.

E foi a minha última Copa. O Cafu e eu não estaremos na África do Sul, em 2010. Vou tentar esquecer esta e lembrar as outras. Principalmente as que ganhamos.

“Zidane l’Africain”

As queixas com o mau futebol podem dar a impressão de que a Copa da Alemanha foi uma grande provação também para os jornalistas, que não pagaram para se frustrar, como foi o caso dos torcedores. Impressão errada. Copa sempre é bom, cobri-la é sempre um privilégio. A gente trabalha muito, roda muito, se exaspera com as falhas de comunicação que parecem aumentar quanto mais se avança na era da comunicação, é obrigado a mudar de hábitos, a lavar sua própria cueca (não foi o meu caso), a comer o que muitas vezes nem sabe o que é, a mudar de hotel justamente quando está começando a ficar íntimo do travesseiro etc. Mas há o convívio diário com os outros jornalistas, muitos dos quais são grandes figuras humanas, e com quem o assunto é sempre futebol — afinal, a paixão que nos une e nos levou até lá —, e a maior compensação de todas, a oportunidade de ver os jogos do melhor lugar do estádio. Não importa se o futebol foi ruim. Numa Copa do Mundo, a emoção de ver um mau jogo é igual à de ver um bom. Bem, quase igual.

Depois da vitória da França sobre o Brasil, um jornal francês publicou um anúncio que era a lista de todos os jogadores franceses com um “inho” acrescentado a seus nomes. Barthezinho, Vieirainho, Henryinho, Zidaninho... Uma bem bolada lembrança de que, no jogo, os franceses foram mais brasileiros do que os brasileiros. E que padrão de futebol espetacular nos últimos anos tinha “inho” no fim. Parte da desgraça brasileira foi que o “inho” original, Ronaldinho, não fez jus ao sufixo.

E a grande questão da Copa acabou sendo não que fim levou o futebol do Brasil, mas o que o Materazzi disse pro Zidane para merecer aquela cabeçada. Estou escrevendo antes da entrevista em que o Zidane contará tudo, mas o

Materazzi já declarou que nem chamou o Zidane de terrorista nem botou a mãe no meio, já que mãe é sagrada. Uma das explicações que circularam era de que o Materazzi teria insultado a irmã do francês. Não procede a versão de que Materazzi teria dito a Zidane que ele estava jogando como um brasileiro.

A extrema direita francesa, claro, já atribuiu a derrota na Copa à falta de identidade nacional, ou europeia, da seleção da França, em contraste com a da Itália, em que todos são brancos de origem italiana que jogam no seu país. Um líder de uma organização chamada "Chrétienté-Solidarité", citado no *Libération* de hoje, chegou a ver na derrota da França um triunfo do que chamou de "une certain forme de romanité grandiose" e imaginou sua celebração no Circo Maximo como nas melhores épocas do Império, num espetáculo em que não faltaria nem um "Zidane l'Africain" acorrentado...

Nada justifica o gesto, mas que tem gente que pede uma cabeçada no peito, tem.

O ocaso do driblador

Depois do carnaval, o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, começava a receber fotos e notícias dos chamados “folguedos de Momo” dos seus correspondentes e leitores no interior do estado, que publicava sob o título “Ecos do carnaval em...”, seguido do nome da cidade. Todos os dias saíam fotos de grupos fazendo pose, crianças fantasiadas (tiroleses tristes, camponesas compenetradas, odaliscas de colo) e dados sobre bailes no Clube Comercial ou “corsos” pelo centro da cidade. E como não paravam de chegar fotos e legendas, e o *Correio* não podia decepcionar nenhum dos seus leitores, os “Ecos do carnaval” duravam o ano inteiro. O carnaval do outro ano se aproximava e os ecos do ano anterior continuavam. “Ecos do carnaval” passou a ser uma seção fixa do jornal. Coisa parecida se poderia fazer com os “ecos” da Copa do Mundo. Principalmente desta que passou, que ainda reverbera, embora muita gente tente esquecê-la. Não digo até a próxima Copa, mas durante alguns meses se justificaria manter um espaço na imprensa só para os ecos do que aconteceu na Alemanha.

Ainda ecoa um dos enigmas da Copa, e um dos fatos definidores do que se viu por lá: a relutância do técnico da Argentina em escalar o Messi no seu ataque. Messi joga pela direita, é companheiro do Ronaldinho Gaúcho no Barcelona e pertence a uma espécie em vias de extinção, a dos ponteiros dribladores. Ponteiros não existem há muito tempo, pelo menos no vocabulário do futebol, mas dribladores ainda existiam. Entraram no seu ocaso definitivo com esta Copa, em que ou não foram escalados porque seus técnicos não os quiseram (o caso do Messi e o caso do Robinho), ou não foram convocados, ou simplesmente não foram mais encontrados. O Tevez é outro da espécie

ameaçada que não foi usado com muita convicção pelo técnico argentino. O próprio Ronaldinho Gaúcho, um notório bom driblador, não exerceu sua arte. Ou se convenceu ou foi convencido a ser apenas um aristocrático lançador sem arriscar a jogada aguda no meio da massa. Ninguém entendeu por que o Messi não entrou no jogo em que a Alemanha eliminou a Argentina. Sua ausência foi simbólica: numa Copa de defesas fechadas e ataques rotineiros, em que a necessidade do jogador que vai para cima era evidente, a Argentina tinha o melhor deles e não o usou.

A desconfiança com o bom driblador vem do tempo em que nem sempre se distinguia entre o “ponteirinho ciscador”, que empolgava torcidas mas nada resolvia, e o driblador no melhor sentido, que desestruturava defesas com sua ação individual.

A distinção se tornou acadêmica. Nem o ciscador nem o driblador positivo têm mais vez — os dois pertencem à História.

Lembranças

Será a minha primeira Copa de cabeça para baixo, mas não será a minha primeira Copa. Sim, crianças, sou um veterano. Não do tempo em que os "despachos" eram mandados por sinais de fumaça, mas quase. Em 86, no México, ainda se usava o telex. Perfurava-se uma fita de papel que depois era lida pela barulhenta máquina que a transmitia, e parecia que a engenhosidade humana chegara ao seu limite. Na Copa de 90 na Itália a novidade era o fax, o que significa que a máquina de escrever ainda funcionava, pelo menos entre nós, os subdesenvolvidos, embora já existisse o computador. Em 94, nos Estados Unidos, estávamos todos computadorizados, alguns apenas mais perplexos do que outros. Em 98, na França, a perplexidade acabara. Hoje, claro, não podemos conceber que já existiu um mundo em que a comunicação instantânea com a redação do jornal nunca estava mais longe do que a tomada de telefone mais próxima.

Retrospectiva de 16 anos de Copas. O garoto em Guadalajara que, sem saber de que outra forma mostrar seu encantamento com os brasileiros, deu um peso para o Divino Fonseca, da Abril, na porta do hotel, e saiu correndo. As memoráveis dores de barriga de todo mundo no México. Os cafés de Torino, lá onde o Nietzsche perdeu o juízo. O almoço com o Araújo Netto e a Maria Eunice numa das colinas de Roma em que apareceram o Falcão e a dona Azize e só se falou sobre o Internacional. A morte do Saldanha na Itália. A inacreditável San Jose na Califórnia, onde nunca se viu ninguém nas ruas. A cidade onde ninguém caminhava! O calor opressivo de Dallas. Tudo era opressivo em Dallas. O Pedro Bial tentando explicar para a indignada garçonete do hotel em Detroit por que o Romário saíra sem pagar pelo cafezinho. O hotel em Paris onde

chamavam o Xexéo de Ceceô e, descobriu-se depois, ninguém torcia pela França, todos eram marroquinos ressentidos... Temos muitas lembranças, nós, os veteranos.

Isso, claro, sem falar no futebol.

Mau treino

Na Copa dos Estados Unidos a gente ouvia a transmissão dos jogos em espanhol porque em inglês não tinha graça. Quem, como eu, se criou ouvindo aqueles artistas da emoção que “irradiavam” os jogos nunca pôde aceitar outro estilo de narrar que não fosse o dramático latino. Lembro que na primeira vez em que fui ver um jogo até me decepcionei um pouco. Futebol no campo era emocionante, mas não era tanto como no rádio. Mas nunca perdi a impressão de que quem não transmitisse o futebol como um locutor brasileiro de certa forma o estava traindo. Era inadmissível, por exemplo, que o grito de “gol” tivesse só um “o”. Futebol em inglês não era futebol. Em mexicano, era parecido.

Mas o que eu queria dizer era que os locutores mexicanos chamavam os noruegueses de “los noruegos”. Antes da Copa começar era “los terribles noruegos” mas o adjetivo não resistiu por muito tempo. São sempre assim os “noruegos”, no caso um nome genérico para todos esses times de clima frio e pele branca que assustam todo mundo antes do tempo e quando chegam nas Copas desaparecem — inclusive os noruegueses. Não sei se tem alguma coisa a ver com os vikings, mas até hoje persiste no inconsciente coletivo da Europa latina — e, através dele, nas suas colônias — um pavor atávico de nórdicos em excursão. Algum dia chegará um time de “noruegos” definitivos, de ultra-alemães, que arrasará com tudo e com todos e mudará a história do futebol. Ainda não chegou, mas a espera continua. Parecia que seria a Holanda de 74, não era. A Dinamarca de 86... Não era. A Noruega de 98... Como se viu, também não era. Quer dizer, perdemos para outro time de falsos “noruegos”. Perdemos para um mito.

Está certo, o jogo não valia nada para um Brasil já classificado. Era para ser um treino puxado. Acabou sendo um mau presságio. Contra um time que se fechou mas precisava ganhar e por isso muitas vezes deu espaço para o Brasil jogar, principalmente no segundo tempo, não soubemos o que fazer. Quando deixou de esperar que uma das suas tantas tramas preciosistas pelo meio desse certo — nenhuma deu — e veio pelo lado o Brasil fez o gol. O resto do jogo se resumiu no nosso meio-campo trocando preguiçosos passes laterais enquanto na frente Ronaldinho, Rivaldo, Bebeto e Denilson faziam seu minueto inconsequente. Um mau treino.

O único herói brasileiro do dia acabou sendo o Bob Fernandes, que viajou para São Paulo depois de Brasil e Marrocos, teve uma filha chamada Luana e voltou para cá, e agora está cansado mas feliz como um norueguês.

Recapitulando

Como personagem do poema de T.S. Eliot que podia medir sua vida em colherinhas de café, podemos medir nossos últimos 28 anos em Copas do Mundo. Foram sete, cada uma correspondendo a uma etapa no nosso relacionamento com o futebol, ou com a seleção, que é o futebol depurado das duas circunstâncias menores, e portanto com o país.

Em 70, João Saldanha simbolizava, de certa maneira, nossa ambiguidade com relação à seleção. O país que ela representaria no México, o "Brasil Grande" do Médici e do milagre, certamente não era o país do Saldanha, nem o nosso. Vivíamos numa espécie de clandestinidade clandestina, na medida em que a clandestinidade oficial era a guerrilha. Mas, que diabo, a seleção também era do outro Brasil, da nação sofrida tanto quanto do Estado mentiroso, e assim como o Saldanha aceitou ser o técnico e disse de cara quais eram as 11 feras titulares, nós também nos empolgamos.

Pra frente, apesar de tudo, Brasil.

O Saldanha acabou tendo que sair, segundo a melhor versão, porque o Médici quis impor o Dario de centroavante, mas duvido que algum opositor do regime, mesmo sabendo o que a vitória no México renderia politicamente para o governo, tenha deixado de levantar da cadeira cada vez que o Jairzinho pegava a bola ou de gemer quando o Banks defendeu aquela cabeceada do Pelé. Assim, a Copa de 70 ficou como a Copa da ambiguidade. Nunca foi tão difícil e nunca foi tão fácil torcer pelo Brasil. Difícil porque torcer era uma forma de colaboracionismo, fácil porque o time era de entusiasmar qualquer um.

E a de 70 foi, claro, a Copa do Pelé. Ele estava no ponto exato de equilíbrio entre maturidade e potência: já sabia tudo e ainda podia tudo. E estava

decidido a transformar a Copa num triunfo pessoal, num fecho simétrico para o que começara em 58, na Suécia, e não conseguira completar em 62, no Chile, nem em 66, na Inglaterra. O México foi a desforra de Pelé, um lance da sua biografia que ele gentilmente compartilhou com o Brasil.

Na Copa de 74, o Brasil ainda vivia sob um regime militar, mas tínhamos uma forte razão sentimental para torcer pela seleção: era uma seleção tão medíocre que inspirava a caridade. Torcíamos não por entusiasmo mas por espírito cristão.

Médici tinha sido substituído por Geisel e, neste caso, a mediocridade era um estágio acima, mas em relação à seleção de 70, a de 74 era um retorno à pré-história, quando a bola era de pedra. Zagallo, que naquele tempo só tinha um ele, chegou a resumir nossa estratégia numa patética confissão de incapacidade: o negócio, na Copa da Alemanha, era cavar faltas perto da área adversária e confiar nos nossos batedores. Nenhum outro comentário sobre a incrível falta de talento para o manejo da bola que se seguiu à grande geração de 70 é mais loquaz do que este. Nossa esperança era a bola parada, nosso terror era a bola em movimento.

Hoje, lembrando aquele tempo e aquela seleção, concluímos que nenhum dos dois era tão ruim assim. Os dois tinham a virtude do realismo. Depois da euforia da seleção de Pelé, e da falsa euforia do milagre econômico de Médici, resignação e cabeça no lugar. O Geisel, como o Zagallo, sabia que a prioridade era administrar a ressaca.

Enquanto isso, a grande sensação da Copa era a Holanda de Cruyff e do carrossel. (Em Porto Alegre, o centroavante Claudiomiro declarou que não via nenhuma novidade no estilo “holandiano”, era o mesmo que o “seu” Minelli usava no Internacional. A Holanda perdeu a Copa para a Alemanha em 74, mas em 75 e 76 Minelli e seus holandianos foram bicampeões do Brasil.) O carrossel revolucionaria o futebol. Dizia-se que depois de 74 e da Holanda o futebol nunca mais seria jogado da mesma maneira. Depois de inventar o capitalismo, o colonialismo e o iogurte, os holandeses tinham reinventado o futebol.

Mas em 78 nem os holandeses eram mais tão holandeses.

Copa da Argentina, 1978. Com Cláudio Coutinho, dizia-se, o espírito

renovador que começara a tomar forma na Seleção de 70 — preparo físico europeu, a teoria substituindo, em parte, o empirismo e o vamos-lá-que-brasileiro-já-nasce-sabendo-tudo chegavam ao comando do nosso time. Era a tecnocracia no poder.

Fazia-se pouco da erudição e do jargão pretensioso do Coutinho, mas ao mesmo tempo desconfiava-se que com ele o futebol brasileiro ficava mais adulto. Ninguém mais acreditava que todo jogador europeu tinha cintura dura e que bastava deixar o brasileiro exercer seu talento natural para tudo dar certo. Com Zagallo em 74 a reclamação era que sua cautela constrangera a criatividade brasileira. Injustiça. Zagallo sabia que tinha um time fraco. Aquilo não era cautela, aquilo era pânico. Em 78, o time era melhor. Com Coutinho, a esperança era que o Brasil voltasse à sua alegria, mas com método.

No fim nem a alegria se materializou nem o método deu certo. Mas não houve a desmoralização completa do nosso estudioso capitão, que pode reivindicar pelo menos o campeonato moral. A Copa foi da Argentina, ganha, dizem, tanto pela mobilização do seu governo quanto pelo mérito dos seus jogadores, mas não a ponto de podermos chamá-los de campeões imorais.

E o que você estava fazendo enquanto o goleiro do Peru tomava os seis gols que a Argentina precisava para se classificar? Eu me lembro de ficar prostrado na frente da tevê, meditando sobre a cupidez humana e a gratuidade de todas as coisas. Mas, como o Coutinho não tinha levado o Falcão, e levado em seu lugar o Chicão, meu pensamento final sobre a Copa de 78 foi “bem feito”.

A tecnocracia não merecia sobreviver às suas bobagens. Nem na seleção nem no governo.

O que eu lembro com mais nitidez da Copa de 82 na Espanha não é nenhum lance ou jogo. É um teipe promocional da Globo feito com o jogador Éder em que ele aparecia correndo por um campo florido, simbolizando, sei lá, seu espírito livre ou o ímpeto irreprimível da nossa juventude. Não vou dizer que tive um pressentimento de derrota ao ver o teipe, mas tive, sim, a consciência de estar vendo um exagero, alguma coisa excessiva da qual ainda íamos nos arrepender.

Há quem diga que o triunfalismo das televisões brasileiras foi

responsável, se não pela derrota em 82, então pela frustração arrasadora que veio depois, quase igual à de 50. Mas tanto o triunfalismo quanto a frustração se justificam; esperava-se muito daquele time do Telê. A entressafra de bons jogadores parecia ter acabado, outra geração de exceção chegava ao seu equilíbrio perfeito numa Copa, dessa vez tinha que dar. Até que ponto o triunfalismo influiu no time, e o fez continuar atacando para as câmeras quando um empate contra a Itália servia, é difícil dizer. O fato é que, como num folhetim antigo, fomos derrotados pela soberba. E a mais brilhante geração de jogadores brasileiros depois dos anos 60 ficou sem sua apoteose merecida.

Hoje, claro, o carnaval publicitário feito em torno dos jogadores é muito maior do que há 16 anos. Com mais dinheiro envolvido e filmes promocionais mais espetaculares, o triunfalismo hoje parece maior. Mas depois de 82 as pessoas não se entregaram a ele com a mesma facilidade. O ceticismo precavido com este time ainda é um reflexo do choque de 82.

A Copa de 86 foi a primeira que não aconteceu no meu aparelho de televisão e que eu vi sem intermediários. Fui cobri-la para a *Playboy*. No México, as pessoas olhavam o crachá que me identificava como correspondente da *Playboy* e imediatamente olhavam para a minha cara, perplexas com meu óbvio pouco jeito para descobrir os aspectos mais lúbricos da competição. Eu me esforçava para fazer uma cara que não desmentisse o crachá, mas acho que convenci a poucos.

Fomos para o México cautelosamente vacinados contra o triunfalismo precoce e com uma Seleção cercada de controvérsias. Telê ganhara outra chance, mas a sua lista final de convocados causara tanta discussão que ele estava mais defensivo e desconfiado do que de costume e o ambiente entre a seleção e a imprensa era cordial mas tenso. O Brasil que ficara em casa — uma minoria, a julgar pelo volume de brasileiros em Guadalajara — era o Brasil do Sarney do Cruzado, do Sarney herói, lembra? Enfim, de outro milagre. Mas a seleção, ao contrário da de 70, não era uma geração no seu ponto ideal de equilíbrio entre experiência e capacidade. Viu-se depois que já era uma geração em declínio, com mais experiência do que pernas. Nova derrota, nova frustração e uma leve suspeita de que continuávamos sendo os melhores do mundo, mas que já era

tempo de provarmos isso na prática, senão o pessoal ia começar a desconfiar.

Em 90, na Itália, cheguei a ouvir uma tese suicida: era melhor o Brasil perder do que consagrar o feio esquema do Lazaroni. O ideal seria o Brasil ganhar mas ganhar mal, — ali, o que nos daria a satisfação da vitória sem o efeito colateral da redenção do Lazaroni. Não prevaleceram nem as teses suicidas nem as moderadas. O Brasil não ganhou nem bem nem mal e perdeu sem ser humilhado. E o que prevaleceu foi a tese do Lazaroni, tanto que ganhou em 94, nos Estados Unidos, aplicada pelo Parreira.

Mas o maior consolo da eliminação do Brasil de 90 foi que pudemos ficar na Itália vendo futebol em vez de torcendo por teses. Nada contra as teses. A tese é o futebol dos sem-pernas e sem-fôlego, como poderíamos continuar jogando sem ela? Mas o descompromisso com as teses nos torna livres, e foi para desfrutar ao máximo essa liberdade que passei a torcer pela Argentina, que Deus me perdoe. Se ganhasse a Argentina, a Copa das teses seria vencida por um time que não redime nenhuma. Ninguém poderia dizer, de uma vitória da Argentina, que vencera um sistema. Na Argentina dá certo tudo o que não é esquema: carisma, coração, picardia, até mau-caráter, todas essas coisas que vêm antes, depois ou em vez da teoria.

O melhor adversário da Argentina para uma final antítese teria sido a Inglaterra, com o seu futebol simples e esforçado. Argentina e Inglaterra foram os times que começaram pior na Copa de 90, uma final entre os dois não representaria nada além da sua capacidade de autossuperação. Não provaria nada, não estabeleceria nada, não teria nenhuma sobrevida teórica. Mas deu a Alemanha na final contra a Argentina. A Alemanha representava algumas ideias bem-definidas sobre futebol, e eu sonhava com a simetria perversa de uma final sem qualquer ideia. Depois de tanta discussão, por puro enfaro, eu estava torcendo pela insensatez. Mas ganhou a Alemanha.

As gerações do nosso futebol depois de 70 seguiram a sequência que alguém já identificou como um ciclo reincidente na História: da Idade dos Deuses para a Idade dos Heróis para a Idade do Homem Comum. A Seleção de 70 não tinha só deuses, é verdade. Não vamos esquecer que fomos campeões no México com Félix no gol e Brito à sua frente. Mas, com o tempo, eles também

se transformaram em titãs, junto com Tostão, Gérson, Jairzinho e o resto da corte de Pelé.

A seleção de 74 tinha alguns deuses caídos e não aguentou a comparação com a de 70. A de 78 foi um esboço da de 82, esta sim uma geração que inaugurava a Idade dos Heróis. O herói, como se sabe, é o Deus democrático, eleito pelos seus semelhantes, ao contrário do Deus clássico, que já nasceu Deus, mas será sempre um Deus menor. Nunca houve qualquer dúvida de que Pelé desceu do céu dentro de uma bola iluminada e já saiu chutando, enquanto Zico, por exemplo, teve que conquistar seus poderes.

Mas a geração de Zico — ele, Sócrates, Júnior, Falcão etc. — foi uma geração de grandes jogadores que não chegaram a deuses porque nasceram na parte errada do ciclo. Uma geração sem apoteose. A Copa de 86 foi uma elegia para a de 82, a triste despedida de uma geração que teve tudo, menos o que mais queria. E veio a Idade do Homem Comum.

Ela começou na Itália em 90. O que parecia ser um medíocre time de transição, uma depressão passageira antes da vinda de novos titãs, era uma geração a caminho da sua apoteose, quatro anos depois. Aaron Copland, um compositor americano, escreveu, há anos, uma Fanfarra para o Homem Comum. Ela devia ter acompanhado a subida de Dunga e seus companheiros para receber a taça em Pasadena, em 1994. Seria o tema apropriado para o fim de uma epopeia improvável.

Jogo de cintura

Sexo e futebol

No que se parecem: o sexo e o futebol?

No futebol, como no sexo, as pessoas suam ao mesmo tempo, avançam e recuam, quase sempre vão pelo meio, mas também caem para um lado ou para o outro e às vezes há um deslocamento. Nos dois é importantíssimo ter jogo de cintura.

No sexo, como no futebol, muitas vezes acontece um cotovelaço no olho sem querer, ou um desentendimento que acaba em expulsão. Aí um vai para o chuveiro mais cedo.

Dizem que a única diferença entre uma festa de amasso e a cobrança de um escanteio é que na grande área não tem música, porque o agarramento é o mesmo, e no escanteio também tem gente que fica quase sem roupa.

Também dizem que uma das diferenças entre o futebol e o sexo é a diferença entre camiseta e camisinha. Mas a camisinha, como a camiseta, também não distingue; ela tanto pode vestir um craque como um medíocre.

No sexo, como no futebol, você amacia no peito, bota no chão, cadencia e tem que ter uma explicação pronta na saída para o caso de não dar certo.

No futebol, como no sexo, tem gente que se benze antes de entrar e sempre sai ofegante.

No sexo, como no futebol, tem o feijão com arroz mas também tem o

requintado, a firula e o lance de efeito. E, claro, o lençol.

No sexo também tem gente que vai direto no calcanhar.

E tanto no sexo quanto no futebol o som que mais se ouve é aquele “uuu”.

No fim, sexo e futebol só são diferentes, mesmo, em duas coisas. No futebol não pode usar as mãos. E o sexo, graças a Deus, não é organizado pela CBF.

Choque cultural

Todos ficaram preocupados quando o Márcio e a Bete começaram a namorar porque cedo ou tarde haveria um choque cultural. Márcio era louco por futebol, Bete só sabia que futebol se jogava com os pés, ou aquilo era basquete? Avisaram a Bete que para acompanhar o Márcio era preciso acompanhar a sua paixão, e ela disse que não esquentassem, iria todos os dias com o Márcio ao Beira Mar, se ele quisesse.

— Beira Rio, Bete...

Naquele domingo mesmo, Bete estava com Márcio no Beira Rio, pronta para torcer ao seu lado, e quase provocou uma síncope em Márcio quando tirou o casaco.

— O que é isso?!

Estava com a camiseta do Grêmio, em marcante contraste com o vermelho que Márcio e todos à sua volta vestiam. Desculpou-se. Disse que pensara que se pudesse escolher uma camiseta que combinasse com a roupa e...

— Está bem, está bem — interrompeu o Márcio. — Agora veste o casaco outra vez.

— Certo — disse Bete, obedecendo. E em seguida gritou “Inter!”, depois virou-se para o Márcio e disse: — O nosso é o Inter, não é?

— É, é.

— Inter! Olha, eu acho que foi gol!

— O jogo ainda não começou. Os times estão entrando em campo.

Bete agarrou-se ao braço de Márcio.

— Você vai me explicar tudo, não vai? Gol de longe também vale três pontos?

— Não. Vale dois. O que que eu estou dizendo? Vale um.

Mas Bete não estava mais ouvindo. Estava acompanhando um movimento no gramado com cara de incompreensão.

— Pensei que em futebol se levasse a bola com o pé.

— É com o pé.

— Mas aquele lá está levando embaixo do braço.

Márcio explicou que aquele era o juiz, e que estava levando a bola embaixo do braço para o centro do campo, onde iniciaria o jogo. Não, os outros dois não estavam ali para evitar que tirassem a bola das mãos do juiz, como no futebol americano. Eles eram os auxiliares do juiz. O que os auxiliares faziam?

— Bom, quando um dos auxiliares levanta a bandeira, o juiz dá impedimento.

— E o que o auxiliar faz com o impedimento?

Márcio suspirou. Foi o primeiro dos 117 suspiros que daria até o namoro acabar, duas semanas depois. Explicou:

— Os auxiliares sinalizam para o juiz que um jogador está em impedimento, isto é, está em posição irregular, impedido de jogar, e o juiz apita.

— Meu Deus!

Márcio olhou para Bete.

— O que foi?

— O juiz apita?! — perguntou Bete, com os olhos arregalados.

— É. O juiz sopra um apito. Aquilo que ele tem pendurado no pescoço é um apito.

— Ah.

Bete sentiu-se aliviada. Por alguns instantes, a ideia de um homem que apitava, sabia-se lá por que mecanismo insólito, quando lhe acenavam uma bandeira, parecia sintetizar toda a estranheza daquele ambiente em que se metera, por amor. Ele não apitava. Soprava um apito. Era diferente.

Mas Bete notou, pela cara do Márcio quando ela disse “Ah”, que estava tudo acabado.

A importância relativa das coisas

O futebol dos sábados no sítio do Magalhães tinha começado como uma brincadeira, uma maneira de abrir o apetite para o almoço. As mulheres ficavam na piscina enquanto os homens jogavam num campo improvisado, que não tinha nem goleira. Três, no máximo quatro de cada lado. Na hora do almoço o jogo parava. Depois o futebol não era nem assunto entre os casais.

Com o tempo, o grupo de convidados para o almoço dos sábados começou a aumentar, e o futebol também. Magalhães ampliou o gramado e colocou goleiras. Os times se repetiam e aos poucos foram adquirindo uma identidade. Não demorou muito, tinham uniforme, flâmula e até bandeira. Mesmo assim a Marta só descobriu como a coisa ficara séria quando tentou interromper uma partida porque estava atrasando o almoço e foi corrida do campo pelo marido, o Sales. Pediu o divórcio na semana seguinte, embora o Sales negasse que estivesse tentando acertá-la com um pontapé, irritado com a intromissão, já que seu time estava perdendo.

Depois foi a vez da Silvinha, que no meio de um almoço de sábado fez um protesto. O futebol estava acabando com a vida social dela e do Aderbal. Na sexta o Aderbal não queria fazer nada, dormia cedo para estar em forma para o jogo da manhã seguinte. E no sábado, depois do jogo, não tinha condições de se mexer, o que dirá fazer alguma coisa. Eles não iam mais a teatro, não iam mais a cinema, não saíam mais para jantar. Várias das outras mulheres concordaram com a Silvinha. Os homens ficaram mudos. E os do time do Aderbal olharam para ele com orgulho. Ali estava alguém com uma noção correta da importância relativa das coisas na vida de um homem. No sábado seguinte o Aderbal apareceu sem a Silvinha.

O terceiro problema foi com a própria mulher do Magalhães. Num certo sábado, ela viu um bando de meninos seminus atravessar o gramado correndo e pular na piscina, onde — não que ela fosse racista, mas francamente! — nunca entrara alguém com pele escura a não ser pela ação do bronzeador. Uma invasão! Ela já ia chamar a polícia quando o Magalhães explicou que eram os filhos do Gedeão, segurança da firma, que ele convocara para reforçar a defesa do seu time. Ela que se acostumasse, o Gedeão e os filhos estariam almoçando lá todos os sábados. Precisava do Gedeão para o meio da zaga. A mulher do Magalhães também pediu o divórcio.

Hoje são quatro times de sete jogadores que disputam intermináveis torneios e copas por qualquer pretexto — a atual é a Copa Patrícia Pilar — e muitas vezes esquecem de almoçar. Numa espécie de galpão ao lado da piscina, Magalhães instalou o que se chama de “a Federação”, a sede da “Liga dos Sábados”, e é ali que estão dois painéis, um o dos “Campeãos”, com fotografias dos times vencedores dos diversos torneios, e outro o das “Caídas”, com fotos das mulheres que não aguentaram. São 12. A décima segunda foto, recém-inaugurada, é da Laurita, mulher do Marco Antônio, meia armador do time do Sales. A Laurita aguentou o que pôde mas pediu o divórcio depois que encontrou o Marco Antonio fazendo uma preleção tática para o seu time na sala do apartamento e usando suas miniaturas de porcelana para explicar as jogadas.

Há um terceiro painel, intitulado “Frouxos”, já que “Traidores” foi considerado forte demais. Nele estão as fotos do Olimar e do Galvão, que cederam à pressão e abandonaram seus times! O Galvão ainda com o agravante de ter comunicado sua decisão de parar na véspera da decisão da Copa Trigêmeas da Playboy.

O Tinho

Se chamava Fausto (ou Faustinho, ou Tinho), tinha 15 anos e queria ser craque de futebol. Jogava nos juvenis de um clube médio. Jogava bem, mas não o bastante para se destacar dos outros garotos com a mesma idade e o mesmo sonho. Não o bastante para ser notado. Até que um dia Tinho se atrasou trocando de roupa depois de um treino e quando viu estavam só ele e um homem estranho, de terno escuro, no vestiário. Um homem que ele nunca tinha visto ali antes e que lhe deu seu cartão. Um cartão todo preto com uma única palavra, em vermelho: “Diabo.”

O homem fez uma proposta: em troca da sua alma, Tinho poderia pedir o que quisesse. Chutar com as duas pernas? Cabecear com perfeição? Driblar com maestria? Passar com precisão? O que ele quisesse. Pelo contrato apresentado pelo Diabo, e que ele assinou com seu sangue na hora, Tinho só se comprometia a, no fim da sua vida — que seria de grande sucesso e incrível riqueza —, lhe entregar sua alma.

E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita. Driblou com maestria e passou com precisão. Fenômeno, disseram todos. E naquele mesmo dia, depois do jogo, Tinho foi procurado por um empresário com sotaque castelhano que lhe propôs um contrato vitalício e um futuro fantástico. O empresário cuidaria da vida de Tinho por uma percentagem. Em troca, faria de Tinho, em pouco tempo, o jogador mais famoso do mundo. O primeiro passo seria tirá-lo do Brasil e levá-lo para a Europa, onde estava o dinheiro. E Tinho assinou o contrato com o empresário na hora, raciocinando que o Diabo comprara a sua alma, não os seus direitos corporativos.

Mas o Diabo, como se sabe, é um ciumento. E protestou. Tinho devia sua nova notoriedade a ele, que assim como o transformara num craque poderia destransformá-lo. Tinho lhe pertencia, corpo e alma. E que mundo era aquele em que um pacto com o Diabo assinado com sangue não valia mais nada, ou valia tanto quanto um contrato assinado com um castelhano com uma Bic? Nada mais era sagrado? Para complicar as coisas, a direção do clube do Tinho fez uma proposta para o Tinho ficar, prometendo uma casa para a sua mãe, e movimentou seu departamento jurídico para anular as ações do Diabo e do empresário. E para complicar ainda mais as coisas, um emissário de Deus, um anjo disfarçado de pipoqueiro, confidenciou ao Tinho que o Senhor se comprometia a mover céu e terra para ajudar sua carreira (inclusive pressionando algum grande clube da Espanha ou da Itália, onde Ele tem muita influência, para contratá-lo), se Tinho desfizesse seu contrato com o Diabo e Lhe prometesse sua alma. O próprio Tinho teve que contratar um advogado para assessorá-lo nas negociações.

Resultado: Tinho está treinando no Chelsea, onde ainda não realizou todo o seu potencial porque o Diabo não se conforma em ter apenas 35 por cento, já que Deus ficou com 35, o empresário com 30 e o clube com direito a uma participação em qualquer venda futura do jogador. Quanto à questão da alma do Tinho, ficou para mais tarde, quando, espera-se, já existirá uma norma da Fifa a respeito.

River! Boca!

Foi um mal-entendido. Alguém deveria ir nos buscar no aeroporto de Miami e não apareceu. Ficamos mais de duas horas esperando num saguão vazio, que enchia a intervalos com a chegada de outros voos e logo esvaziava de novo. E então nossa única companhia eram dois funcionários do aeroporto, dois faxineiros negros que vez por outra apareciam em extremidades opostas do saguão, a caminho de outro lugar. Quando dava a casualidade de os dois aparecerem ao mesmo tempo, um gritava para o outro:

— River!

E o outro respondia, lá do outro lado:

— Boca!

Aquilo se repetiu não sei quantas vezes, enquanto esperávamos no saguão. Era só se enxergarem e um gritava:

— River!

E o outro:

— Boca!

Os dois eram corpulentos. Idades indefinidas. Poderiam ser gêmeos. Argentinos, claro. Não dava para imaginar dois americanos, ou latino-americanos de outra parte, evocando o River Plate e o Boca Juniors daquele jeito. Portenhos, por certo, embora seus físicos não fossem típicos. E a troca de gritos, aparentemente, repetia-se o tempo todo. O dia todo, todos os dias.

— River!

— Boca!

Era só se enxergarem.

Tinha começado como brincadeira, imaginei. Talvez tivessem chegado

juntos aos Estados Unidos. Talvez fossem parentes, cunhados. Ou vizinhos. Só o que os separava era que um torcia pelo River e o outro pelo Boca. Cultivar aquela diferença era uma maneira de continuar em Buenos Aires. Era provável que nunca mais tivessem visto seus times jogar, mas ainda proclamavam sua paixão antiga. Nem que fosse só um para o outro, através de um saguão vazio.

— River!

— Boca!

Não era mais uma troca de provocações bem-humoradas. Não era mais uma brincadeira. O tom ficara lamentoso. Os dois dependiam daquela rotina invariável para se certificarem de que estavam ali, que continuavam existindo, e argentinos, mesmo longe de casa. E continuavam River e Boca. Uma ladainha contra o esquecimento, pensei. Uma canção do exílio para duas vozes tristes. Ou isto é literatura e os dois antípodas só combatiam o tédio.

Os dois devem continuar lá, fazendo a mesma coisa. O dia todo, todos os dias.

— River!

— Boca!

Frescuras

Na Copa fizeram um casamento antes do jogo Brasil e Noruega e na final, no Estade de France, quem fez a festa antes do Zidane foi o Yves Saint-Laurent. Modelos desfilaram no gramado com criações de YSL ao som do bolero de Ravel tocado em tonéis, o que já devia ter nos alertado para alguma coisa. E eu fiquei pensando naquela roda de pôquer que se reunia semanalmente na mesma casa durante anos. Sempre a mesma roda e sempre a mesma casa, e a mesma mesa. Até que o dono da casa mudou de mulher e a nova mulher sugeriu que os jogadores usassem descanso para os copos. Assim os copos molhados não deixariam marcas na mesa.

— Não — disse o homem.

— Por que não, bem? — surpreendeu-se a mulher.

— Porque no momento em que eu distribuir descanso para os copos, todos se levantam, vão embora e a roda acaba.

— Mas eu não sou contra o pôquer de vocês. Podem continuar jogando e bebendo. Só o que eu peço é que usem descansos sob os copos para não...

— Não.

— Mas por que não?!

— Porque seria um primeiro passo. O seu descanso não é um descanso. É um precedente.

— Mas...

— Não insista.

O homem sabia o que os descansos significavam. Depois dos descansos viria o pedido para que usassem cinzeiros, em vez de largarem as cinzas no chão. Logo seria levantada a questão dos restos de comida misturados com as cartas e

a fichas. E não demoraria e viria a sugestão para que cuidassem da pontaria na hora do xixi...

O futebol, como o pôquer, precisa manter-se em vigilância constante contra as incursões da frescura.

As crônicas reunidas neste volume foram publicadas em *O Globo, Jornal do Brasil, Zero Hora* e *O Estado de S.Paulo*, de agosto de 1997 a maio de 2009.

A era dos centauros – 24.05.2009
Para que serve o futebol – 06.09.2002
Do baú – 02.12.2007
Infantilidades – 29.08.2000
A síndrome – 30.06.2000
Sem bola – 06.06.2006
O time do boteco – 18.11.2000
Vermelho – 20.08.2006
Mistério – 07.10.2007
Viradas – 27.09.2002
Depois do banho – 01.11.2002
A bola nova – 22.01.2006
Outros tempos – 10.03.2001
Meus dois pedidos – 24.01.2008
Vá explicar – 28.11.2004
O escanhoado – 21.12.2006

A raça dos dez – 30.06.2006
O mulato suíço – 08.02.2007
O cabelo do Beckham – 07.07.2006
O garoto de Ipanema – 29.06.2002
Pato e Puskas – 03.12.2006
Galáticos – 07.10.2004
Robinho e o paradoxo – 01.07.2007
Momento de glória – 20.10.2005
Novilhos – 20.07.2003
A comparação – 23.04.2006
Montezuma – 25.07.2002
Prefiro terremoto – 01.07.2002
Os obrigados – 07.07.2002
Prólogo e epílogo – 09.06.2006
Foi-se – 10.07.2006
“Zidane l’Africain” – 13.07.2006
O ocaso do driblador – 20.07.2006
Lembranças – 29.05.2002
O Tinho – 18.01.2007
River! Boca! – 02.03.2008